

2

0

2

2

BOLETIM

INDICADORES

ECONÔMICO-

FISCAIS

AGOSTO

69.928

48.991

26.417

31.012

06.381

12.002

O Boletim de Indicadores Econômico-Fiscais de Santa Catarina é uma publicação online e mensal da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico Sustentável (SDE), compartilhando dados quanti e qualitativos do desempenho da economia catarinense.

Secretário de Estado de Desenvolvimento Econômico de Santa Catarina (SDE)

JAIRO LUIZ SARTORETTO (INTERINAMENTE)

Secretário Adjunto de Estado de Desenvolvimento Econômico de Santa Catarina (SDE)

JAIRO LUIZ SARTORETTO

Secretário Executivo do Meio Ambiente

LEONARDO SCHORCHT BRACONY PORTO FERREIRA

Diretor de Ciência, Tecnologia e Inovações

MORIS CLEBER KOHL

Diretoria de Clima e Biodiversidade

LUCIANO HENNING

Diretoria de Desenvolvimento Territorial

THOBIAS LEÔNIO ROTA FURLANETTI

Diretor de Emprego e Renda

RICARDO JOSÉ AMORIM

Diretora de Recursos Hídricos e Saneamento

PEDRO BROLEZZI

Diretor de Relações e Defesa do Consumidor

JOÃO VITOR DA SILVEIRA

Diretor de Empreendedorismo e Competitividade

CARLOS ALBERTO ARNS FILHO

Gerente de Indicadores Econômicos (SDE) e Coordenador do Boletim

PAULO ZOLDAN

Projeto Gráfico

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO E MARKETING DA SDE

Contato

contato@sde.sc.gov.br

Sumário

CONHEÇA A ECONOMIA CATARINENSE.....	4
APRESENTAÇÃO	5
RESUMO EXECUTIVO: PIB CATARINENSE DESACELERA NO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 2022	6
1 QUADRO RESUMO	10
2. RECEITA CORRENTE LÍQUIDA - RCL.....	11
3.RECEITA TRIBUTÁRIA.....	15
4. RECEITA LÍQUIDA DISPONÍVEL.....	13
5. OUTROS INDICADORES FISCAIS	14
6. INDICADORES DA DÍVIDA E DO RESULTADO PRIMÁRIO DO ESTADO	15
7. NÍVEL DA ATIVIDADE DA ECONOMIA CATARINENSE.....	16
7.1 PRODUTO INTERNO BRUTO E VALOR ADICIONADO BRUTO POR SETOR	16
7.2. PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA - PRODUÇÃO E PREÇOS DOS PRINCIPAIS PRODUTOS.....	17
7.3. PRODUÇÃO INDUSTRIAL FÍSICA.....	17
7.4. VOLUME E RECEITA NOMINAL DAS VENDAS DO COMÉRCIO VAREJISTA AMPLIADO	19
7.5. VOLUME DE SERVIÇOS.....	20
7.6. EMPRESAS ATIVAS, CONSTITUÍDAS E BAIXADAS EM SANTA CATARINA	21
7.7. VENDAS DE DERIVADOS DE PETRÓLEO, CIMENTO, VEÍCULOS E CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA.....	22
7.8. MERCADO DE TRABALHO	23
7.9. COMÉRCIO EXTERIOR.....	24
7.10. ÍNDICE DE CONFIANÇA.....	25
7.11. DESEMPENHO DOS ESTADOS	26
8. OUTROS INDICADORES ECONÔMICOS - INFLAÇÃO E TAXA DE CÂMBIO	27
9. ECONOMIA INTERNACIONAL	28

NOTA EXPLICATIVA:A SDE não é a fonte primária das informações disponibilizadas neste Indicador de Conjuntura. Apenas consolida e organiza as informações econômicas a partir de dados de conhecimento público, cujas fontes primárias são instituições autônomas, públicas ou privadas.

CONHEÇA A ECONOMIA CATARINENSE

Somos estimados 7,378 milhões de habitantes que estão dispersos em uma área de 95,7 mil km². Nossa força de trabalho no primeiro trimestre de 2022 está estimada em 3,990 milhões de pessoas sendo que 95,4% delas estavam ocupadas. Em relação ao trimestre anterior, são 7 mil pessoas ocupadas a menos, mas em relação ao mesmo trimestre de 2021, houve um acréscimo de 256 mil pessoas. Dos 3,808 milhões de ocupados, 55,4% estavam empregados no setor privado (88,2% com carteira assinada, o maior percentual do País); 3,8% eram trabalhadores domésticos; 8,9% empregados no setor público; 5% eram empregadores e 25,5% trabalhavam por conta própria. Os trabalhadores familiares auxiliares representam outros 1,4% da população ocupada.

Do total de catarinenses ocupados, 23,8% tinham seu trabalho principal na indústria; 18,3% no comércio; 13,7% na administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais; 11,3% nos serviços de informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas; 8,8% na agropecuária, florestas e pesca; 7,3% na construção; 4,8% nos transportes, armazenagem e correio; 4,8% em outros serviços; 3,9% nos serviços domésticos e 3,4% em serviços de alojamento e alimentação.

A taxa de desocupação no Estado está em 4,5%, a menor do País, cuja média é 11,1%. O percentual aumentou 0,2p.p., ou 10 mil pessoas a mais na comparação com o 4º trimestre de 2021. Na comparação com o primeiro trimestre de 2021, no entanto, o contingente de desocupados teve redução de 60 mil pessoas. São agora 181 mil pessoas desocupadas. Os trabalhadores na informalidade totalizaram cerca de 1,05 milhão de pessoas, representando 27,7% das pessoas ocupadas, percentual que se manteve como o menor entre os estados, cuja média é de 40,1%. A taxa estadual de subutilização da força de trabalho recuou 0,3 p.p., para 8,3%, representando 13 mil pessoas subutilizadas a menos em relação ao trimestre anterior. É a menor taxa do País, cuja média é de 23,2%. O percentual de pessoas desalentadas manteve-se estável em 0,6%, ou 24 mil pessoas nessa condição no primeiro trimestre, abaixo dos 39 mil do mesmo trimestre de 2021. É também o menor percentual do País, cuja média é 4,1%.

Nosso PIB cresceu 3,8% em 2019, atingindo R\$ 323,3 bilhões, o 6º maior do País, sendo que o PIB per capita de R\$ 45.118 era o 4º maior. Estimamos uma retração econômica de 1,1% para o Estado em 2020 e um crescimento de 8,3% em 2021, na comparação com os mesmos períodos anteriores. Em 2021, nossas exportações atingiram US\$ 10,3 bilhões ou 3,7% do total nacional. Nossa localização estratégica e competitividade tarifária e portuária nos posiciona como o 3º maior estado importador com 11,4% do total em 2021.

Diversidade cultural e produtiva, desenvolvimento territorial e humano e um extraordinário **potencial de crescimento econômico** são características que diferenciam nosso Estado e o colocam como o 2º mais competitivo do País. Aqui se encontram os melhores indicadores sociais e econômicos do Brasil.

Veja mais detalhes nos estudos e estatísticas produzidos pela Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico – SDE e acompanhando o **Boletim Mensal de Indicadores Econômico-Fiscais de Santa Catarina**.

APRESENTAÇÃO

O boletim “Indicadores Econômico-Fiscais” de Santa Catarina apresenta dados e informações da economia do Estado. O boletim reúne as mais recentes estatísticas econômicas oficiais, abrangendo informações sobre o Produto Interno Bruto (PIB), emprego, balança comercial, produção agrícola e industrial, volume de vendas e receitas do comércio, consumo de energia elétrica, consumo aparente de cimento, vendas de óleo diesel, inflação e câmbio e expectativas de agentes econômicos. Aborda também a evolução dos dados fiscais do governo estadual, entre os quais as receitas e despesas, evolução da dívida, dos gastos com pessoal, do resultado primário e nominal, entre outros indicadores do governo e da economia estadual.

Os dados são atualizados mensalmente propiciando o monitoramento do nível da atividade econômica no Estado, sua comparação com o País e o delineamento das tendências de curto prazo da economia. Além da atualização desses indicadores, o boletim apresenta os dados oficiais do PIB estadual de 2019, o último divulgado pelo IBGE/SDE e uma estimativa preliminar para os anos de 2020 e 2021.

Nesta edição, no artigo de abertura, apresenta uma abordagem referente ao PIB de Santa Catarina no período de doze meses encerrados em março de 2022, relativos ao mesmo período anterior.

Traz também, a atualização dos principais indicadores da economia estadual, entre os quais os últimos indicadores fiscais do governo estadual, divulgados pela Secretaria de Estado da Fazenda de Santa Catarina.

Espera-se que os dados e as informações aqui apresentados tragam suporte à tomada de decisões estratégicas de agentes públicos e privados.

[Acesse nosso site](#)

PIB CATARINENSE DESACELERA NO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 2022

O primeiro trimestre de 2022 foi mais um período desafiador para todos. Ainda sob efeito das turbulências no cenário econômico geradas pela pandemia nesses últimos dois anos, consumidores, empresários e governos enfrentaram mais um período de incertezas crescentes.

A alta de contaminações pela variante ômicron, especialmente no mês de janeiro, causou muita apreensão no País. Apesar do expressivo avanço nas imunizações, a nova onda causou preocupações adicionais e represou consumo e investimentos.

Não bastasse o choque profundo e transformador gerado pela pandemia, a invasão russa na Ucrânia em fevereiro, justamente em um momento de recuperação do colapso causado pela pandemia, gerou efeitos negativos em todo o mundo, impactando os mercados de commodities e o comércio internacional.

O resultado está sendo expresso em um menor crescimento econômico, em mais inflação e na alta nas taxas de juros em todo o mundo. A alta no preço dos alimentos e de energia está reduzindo o poder de compra das famílias, especialmente as de menor renda. Ainda que parte do agronegócio brasileiro tenha se beneficiado com aumento de exportações do complexo de soja; de carnes bovinas e

de frango e de produtos florestais, problemas climáticos adversos afetaram outras culturas, como o café, o açúcar, o algodão e o milho.

Assim, o conflito aprofundou incertezas e intensificou os problemas sociais. No Brasil, soma-se ainda, a inquietação gerada pela disputa eleitoral. Nossa inflação crescente atingiu 12,1% em abril e a taxa Selic, referência da taxa de juros, subiu para 12,75%. Dessa forma, a perspectiva é de mais um ano de baixo crescimento da economia brasileira.

Segundo o IBGE, em recente divulgação do PIB trimestral, a economia brasileira cresceu 4,7% nos quatro trimestres terminados em março de 2022, em relação aos quatro trimestres imediatamente anteriores. O resultado do Valor Adicionado neste tipo de comparação decorreu dos seguintes desempenhos: Agropecuária (-4,8%), Indústria (3,3%) e Serviços (5,8%).

As perspectivas, no entanto, são de uma acomodação desse crescimento a patamares inferiores nos próximos meses, já que as restrições fiscais e a alta dos juros para conter a inflação elevada, limitará as possibilidades de crescimento econômico.

A economia catarinense que vem crescendo acima da média brasileira desde 2016 e teve um período de crescimento alto em 2021, de 8,3%, um dos mais altos entre os estados brasileiros, passa agora por um processo de desaceleração.

No primeiro trimestre do ano, os principais indicadores confirmam essa tendência. A produção física de nossa indústria retraiu 8,9%, na

comparação com o mesmo trimestre de 2021, o volume de serviços cresceu 4,4% ou menos da metade da média nacional e o volume de vendas do comércio ampliado cresceu 6,8%, influenciado pelo aumento de vendas de materiais de construção e de veículos, bastante represadas nesses últimos anos. Já o varejo restrito cresceu apenas 1,8% nesse período, pouco acima do nacional que cresceu 1,3%.

Diante dos dados do primeiro trimestre e da base alta de comparação, a estimativa de crescimento da economia catarinense para os quatro trimestres terminados em março de 2022, em relação aos quatro trimestres imediatamente anteriores, apresentou alta de 6,4%, abaixo portanto dos 8,3% dos quatro trimestres encerrados em dezembro de 2021.

Nesse período, a agropecuária catarinense retraiu 0,3%, sendo que a pecuária cresceu 4% e a agricultura retraiu 4,3%. A agricultura catarinense teve mais uma safra de baixo desempenho e com perdas de produtividade em alguns dos seus principais cultivos. Problemas climáticos recorrentes com períodos de estiagens e eventos climáticos extremos têm dificultado o avanço da produção estadual. Em 2022, destaca-se a queda na produção de soja, trigo, arroz e tomate.

A produção pecuária continua crescendo. A demanda externa tem estimulado a produção, enquanto o mercado interno vem sofrendo o impacto do aumento dos preços das carnes. A produção de suínos cresceu 10,1% nos últimos 12 meses até março, relativos ao mesmo

período anterior, enquanto a de aves, cresceu 2,4%. Os abates de bovinos recuaram 15,9%.

A elevação dos preços de grãos e das oleaginosas (a exceção do arroz e feijão) foram responsáveis por mais uma alta do índice de preços da agricultura. Na comparação com as médias de 2022, de janeiro a março, com as respectivas médias de 2021, cresceu 7,2%. Na pecuária, com a continuidade da forte demanda externa, houve também elevação dos preços das carnes bovina, de aves e do leite. O índice dos preços da pecuária cresceu 3,9% no mesmo período. Foi o quarto ano consecutivo de alta na média do segmento.

A indústria de transformação cresceu 4,3% no período, mas três dos principais segmentos apresentaram retração: fabricação de Produtos Alimentícios (-7,5%); fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-4,8%) e fabricação de produtos de borracha e material plástico (-1,3%). Todos os demais segmentos cresceram, com destaque para a fabricação de veículos automotores (+29,7%); da metalurgia básica (+27,9%), de artigos do vestuário e acessórios (+9,4%); de minerais não metálicos (+6,9%); de celulose e papel (+6,3%) e de produtos de madeira (+4,7%).

Observa-se, no entanto, de um modo geral, uma desaceleração generalizada do crescimento destes segmentos, na comparação com os resultados anualizados de dezembro passado. A fabricação de máquinas e equipamentos, por exemplo, passou de um crescimento de 22,6% nos últimos quatro trimestres até dezembro de 2021, para um crescimento de 3% na mesma comparação em março de 2022, a maior desaceleração entre todos os segmentos

industriais. Metalurgia, produtos têxteis, máquinas elétricas, vestuário, borracha e plástico e veículos foram os segmentos de maior desaceleração.

O setor dos serviços, de maior peso no PIB, teve um crescimento robusto no ano passado e que foi anterior a retomada em nível nacional e agora passa também a refletir os efeitos da desaceleração em curso da indústria e do comércio.

No comparativo de 12 meses até março, o volume de serviços cresceu 7,6% em SC. Foi o último a sair da crise e é o que tem se mostrado mais dinâmico e exibe as maiores taxas de crescimento. A exceção dos Serviços Profissionais, Científicos e Administrativos, que retraíram 1,3%, todos os seus segmentos cresceram na comparação com o período anterior. Os Serviços Prestados às Famílias cresceram 28,6%, os Transportes, 17,8%, os Serviços de Informação, 11,2% e a Administração Pública, 5,4%.

Entre os segmentos que compõem o setor de serviços, o comércio é o de maior participação e cresceu 8,4% no período. À exceção do volume de vendas dos Supermercados (-1,4%) e de Móveis e Eletrodomésticos (-12,4%), todos os demais estão crescendo. Destaca-se aí o crescimento das vendas de Veículos (26,9%), de Livros e Jornais (25,2%), de outros Artigos de Uso Pessoal (+18,1%), de Equipamentos e Materiais para Escritório (+13,1%) e de Artigos Farmacêuticos (+12%). As vendas de Materiais de Construção tiveram forte desaceleração, mas ainda crescem 0,9% e a de Combustíveis e Lubrificantes, 3,8%.

Ainda sob impacto negativo da pandemia, o comércio exterior agora enfrenta novos cenários com a guerra na Ucrânia e as

sanções impostas a Rússia. No estado, o setor exportador se beneficia com o bom desempenho dos segmentos de frango, celulose, madeiras e motores e peças. Já os embarques de suínos retraíram devido ao excesso de oferta na China. E os de soja tiveram disponibilidade reduzida devido à queda na produção

Santa Catarina exportou um valor recorde de US\$ 1.042,7 milhões em abril, 12,3% a mais que em março. Foi o terceiro mês consecutivo de crescimento. O valor acumula alta de 27,3% no ano. Em doze meses, no entanto, o crescimento de 34,1% teve uma desaceleração em relação a mesma comparação no mês anterior.

Já o valor das importações via portos catarinenses retraiu 9,8% em abril frente a março e foi o terceiro mês de retração nesse primeiro quadrimestre. No ano, acumula alta de 13,6%, demonstrando tendência de desaceleração do crescimento.

Esses resultados, de modo geral, refletiram no mercado de trabalho. Apesar do desempenho relativo bastante positivo, os indicadores do emprego apontam para uma acomodação a patamares mais baixos, tanto em saldos como em crescimento. Depois de um saldo recorde no ano passado, a desaceleração da economia vem reduzindo o ritmo das contratações. Em 12 meses, a taxa de crescimento desacelerou para 6,5% em abril, em SC, oitavo mês consecutivo de queda.

A taxa de desocupação no Estado está em 4,5%, ligeiramente acima do observado em dezembro passado e mantém-se a menor do País, cuja média está em 11,1%. Ainda assim, estima-se em 181 mil pessoas desocupadas que procuram por emprego. A taxa estadual

de subutilização da força de trabalho está em 8,3% e é também a menor do País, cuja taxa estava em 23,2%.

As receitas tributárias estaduais, no embalo de um crescimento robusto da economia e da elevação dos preços de fontes importantes de arrecadação, estão atingindo valores recordes, contribuindo para a geração de superávits nas contas públicas, assim como para uma maior alavancagem dos investimentos.

Para 2022, o cenário provável é de mais desaceleração para o PIB estadual, ainda que deva fechar mais um ano acima do crescimento da economia brasileira. Além de crescer sob uma base alta de comparação, a economia estadual não conta com a perspectiva de estímulos importantes do mercado interno brasileiro, já que o País enfrenta muitas dificuldades. A inflação, que já ocasionou uma forte alta dos juros, deverá seguir com tendência de alta em boa parte do ano, limitando o poder de consumo das famílias. Somam-se a isso, o endividamento elevado e crescente das famílias, tanto no Estado como na média brasileira, ainda que em Santa Catarina, a condição seja bem mais favorável.

Também as incertezas típicas de ano de eleições, que fazem prorrogar investimentos, principalmente os privados, agora se somam aos efeitos desastrosos na economia internacional provocados pela Guerra na Ucrânia. E claro, a pandemia, que ainda não foi erradicada.

Segundo estimativas do FMI, o Brasil crescerá 0,8% em 2022, bem abaixo do crescimento esperado para o mundo (+3,6%) e mesmo

para a América Latina e Caribe (+2,5%) ou para os Países Emergentes (+3,8%). O Banco Central elevou recentemente sua projeção do PIB brasileiro para 2022 para um crescimento de 1,2%.




















Em Santa Catarina, apesar da economia estadual encontrar-se bem tracionada, de o governo estadual estar em equilíbrio das contas, gerando superávits e recursos próprios para investimentos e da reconhecida competitividade do Estado, entre outros fatores, o que se pode esperar, diante das dificuldades citadas acima, é de mais desaceleração para os próximos meses.

Assumindo-se as condições atuais, um controle crescente da pandemia e a inexistência de novos eventos adversos ao desempenho econômico, pode-se estimar um crescimento para a economia catarinense entre 3% e 5% em 2022.

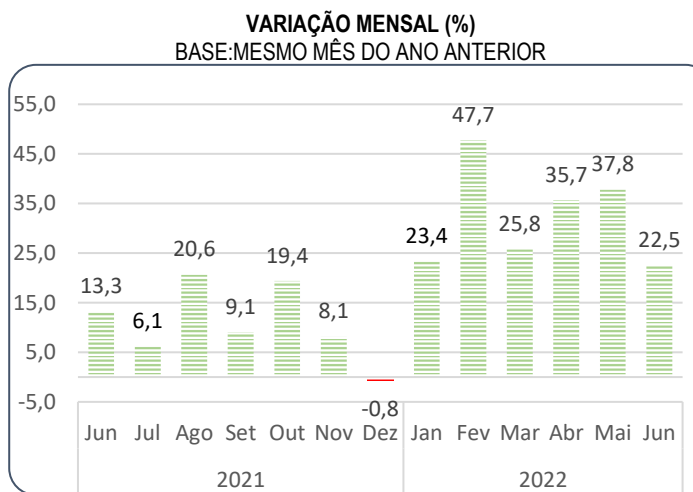
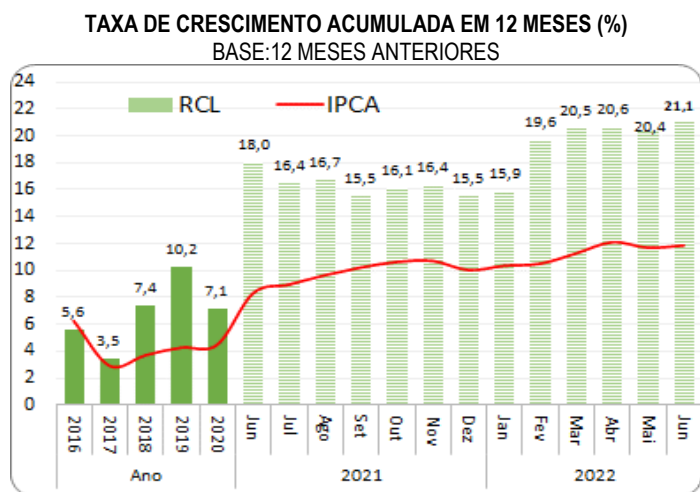
Os desafios, no entanto, são muitos. Seja no enfrentamento aos entraves para o crescimento econômico, seja no abrandamento dos efeitos sociais desastrosos desses dois anos de pandemia, especialmente no que se refere aos extratos menos privilegiados de nossa sociedade.

Economista Paulo Zoldan

1 QUADRO RESUMO

INDICADORES	Mês de Referência 2021/2022	Variação (%) acumulada em 12 meses (Base: 12 meses anteriores)				Mês/Mês Anterior (%)	Variação em relação ao mesmo período do ano anterior (%)		
							Mês	Acumulada no ano	Acumulada em 12 meses
Receita Corrente Líquida - RCL	Junho			 21,1		-10,7	22,5	31,9	21,1
Receita Tributária - RT	Junho			 22,8		-11,5	17,3	29,8	22,8
ICMS	Junho			 23,7		-12,0	16,3	31,3	23,7
Receita Líquida Disponível - RLD	Junho			 23,8		-10,7	18,3	30,4	23,8
PIB SC 2021 - Estimativa SDE	Março			 6,4					6,4
Empregos com Carteira Assinada	Junho			 5,9		0,4		3,7	5,9
Produção Industrial - Indústria de Transformação	Maio		-2,3	 -2,3		1,6	-0,1	-6,6	-2,3
Exportações	Junho			 31,0		14,9	40,5	25,5	31,0
Importações	Junho			 26,8		-8,8	7,5	12,6	26,8
Volume de Vendas do Comércio Varejista Ampliado	Maio			 5,6		1,3	4,8	6,2	5,6
Receita das Vendas do Comércio Varejista Ampliado	Maio			 23,2		3,0	23,4	24,1	23,2
Volume de Serviços	Maio			 10,1		3,3	7,8	4,8	10,1
Volume das Atividades Turísticas	Maio			 41,2		-4,8	47,4	44,8	41,2
Emplacamentos de Veículos Novos	Julho	-20,6		 -20,6		7,7	-9,7	-16,1	-20,6
Consumo Aparente de Cimento	Dezembro			 15,6		-12,5	24,9	15,6	15,6
Vendas de Óleo Diesel	Junho			 5,6		-10,3	-2,2	1,8	5,6
Consumo de Energia Elétrica	Março			 7,3		0,3	0,0	4,5	7,3
Inflação (IPCA/Brasil)	Junho			 11,9		0,7		5,5	11,9
Câmbio (Real x Dólar Americano)	29/jul			 0,0		-0,9	-1,1	-3,2	0,4

2. RECEITA CORRENTE LÍQUIDA-RCL (1)



CRESCIMENTO DA RCL POR TIPO DE RECEITA - JUNHO (%)

	VAR. ACUMULADA 12 MESES Base: igual período anterior	VAR.MENSAL Base: mesmo mês do ano anterior
RECEITA CORRENTE LÍQUIDA (I - II)	21,1	22,5
RECEITAS CORRENTES 1 (I)	22,4	22,2
Receita Tributária (RT)	22,8	17,3
ICMS	23,7	16,3
IPVA	19,2	34,7
ITCMD	50,1	4,5
IRRF	16,6	20,0
Outras Receitas Tributárias	9,8	8,2
Transferências Correntes	-8,9	28,4
Outras Receitas Correntes	61,7	71,3
DEDUÇÕES (II)	25,1	21,7

Fonte: SEF-SC/DCOG - Sigef

- (1) A RCL é o somatório das receitas tributárias, de contribuições, patrimoniais, industriais, agropecuárias, de serviços, transferências correntes e outras receitas também correntes, deduzidas as parcelas entregues aos municípios por determinação constitucional e a contribuição dos servidores para o custeio do seu sistema de previdência e assistência social e as receitas provenientes da compensação financeira citada no parágrafo 9o do Art. 201 da Constituição.

RCL RETRAI EM JUNHO

A RCL retraiu 10,7% na passagem de maio para junho, após dois meses consecutivos de alta. O valor arrecadado no mês foi R\$ 3,1 bilhões e supera em 22,5% o arrecadado em junho de 2021. Foram R\$ 569,4 milhões a mais nesta última comparação. No ano, a RCL acumula alta de 31,9%.

No acumulado de 12 meses, o crescimento dessa receita voltou a ganhar fôlego depois de um período de acomodação. Em junho, variou 21,1% quando comparado com os 12 meses anteriores, acima dos 20,4% da mesma comparação do mês anterior.

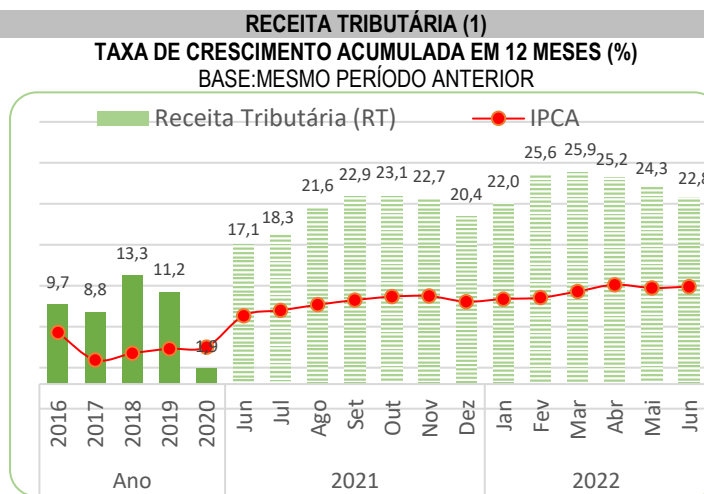
O crescimento das Receitas Correntes nesses últimos 12 meses até junho, de 22,4%, (na comparação com o mesmo período anterior), ocorreu como resultado do aumento de 22,8% da RT e de 61,7% das Outras Receitas Correntes, enquanto as Transferências Correntes cresceram 8,9%.

As deduções tiveram um crescimento maior no período, de 25,1%, impactando no crescimento da RCL (que variou 21,1% nessa comparação).

A inflação de 11,9% do período explica, em boa medida, esse desempenho da arrecadação, especialmente no que se refere aos maiores segmentos, que tiveram reajustes de preços ainda maiores. Mas o crescimento das receitas deve-se também ao crescimento robusto do PIB estadual e aos esforços da Secretaria da Fazenda para modernizar a arrecadação.

3.RECEITA TRIBUTÁRIA (RT)

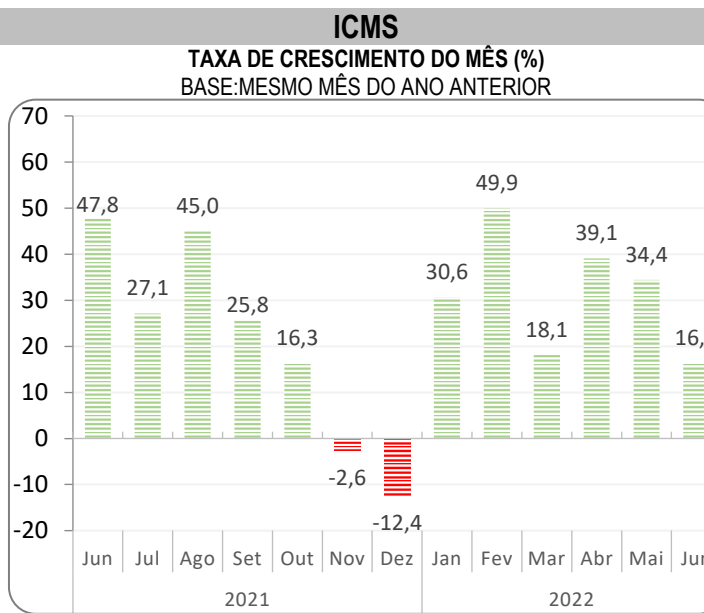
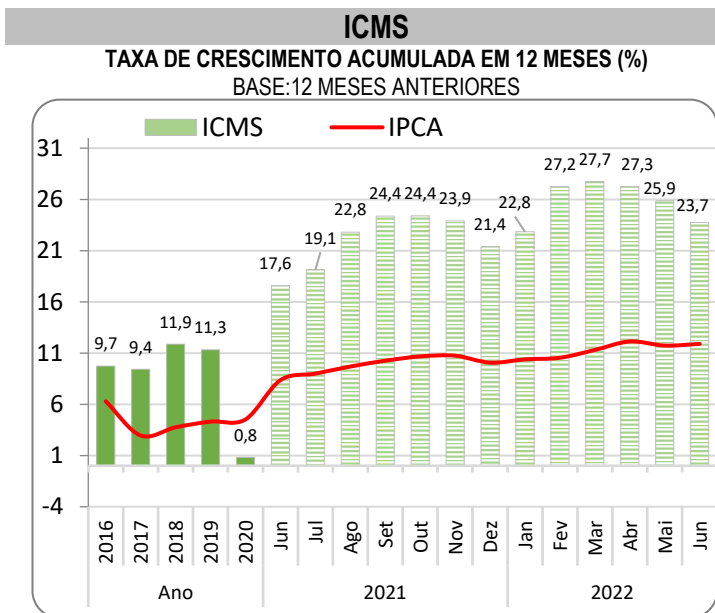
RECEITA TRIBUTÁRIA (1) DEMONSTRATIVO RESUMIDO DA RECEITA TRIBUTÁRIA		
Receita Tributária, 2022 (em R\$ milhões)		
	junho	acum. 12 meses
Receita Tributária	3.439,1	40.766,8
ICMS	2.753,0	33.463,0
IPVA	300,3	2.716,4
ITCMD	56,4	769,4
IRRF	173,6	2.099,9
Outras	155,9	1.718,0



A RT de junho atingiu R\$ 3,439 bilhões, 11,5% a menos que o arrecadado no mês anterior. Foi a segunda queda consecutiva e a quarta no ano nessa comparação. Ainda assim, o valor arrecadado supera em 17,3% o do mesmo mês de 2021. E no ano acumulada alta de 29,8%.

Do total arrecadado em junho, 80% correspondeu ao ICMS. O IPVA representou 8,7%, o IRRF, 5%, o ITCMD, 1,6% e as outras receitas tributárias, 4,5%.

Em junho, na comparação com maio, o ICMS teve queda de 12%, mas foi 16,3% superior ao do mesmo mês de 2021. Em doze meses, teve mais uma desaceleração, para um crescimento de 23,7%, conforme apresentado no gráfico ao lado abaixo.

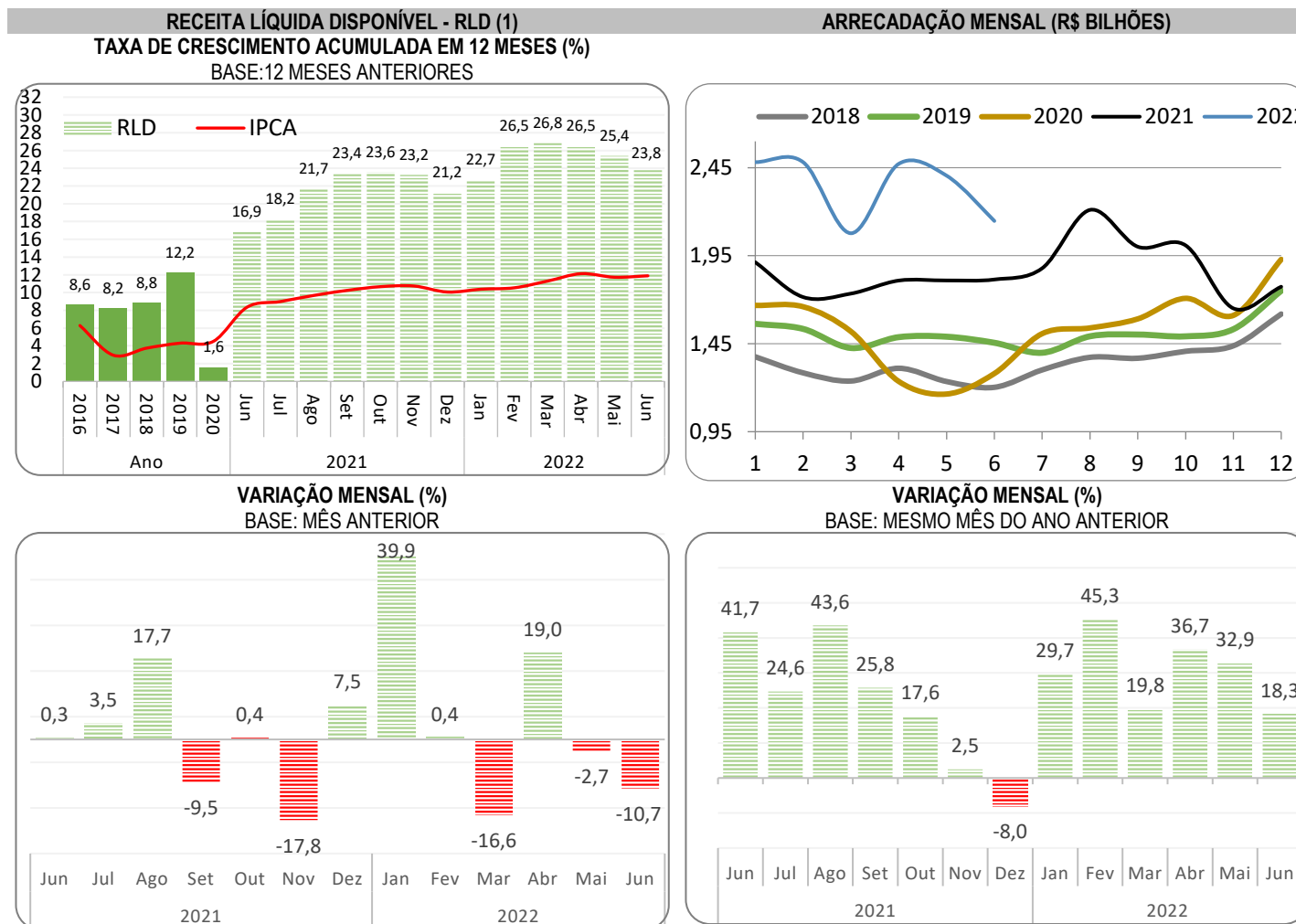


Além do efeito inflacionário sob importantes fontes de arrecadação e do desempenho positivo da economia estadual, o crescimento das receitas deve-se a intensificação dos esforços de arrecadação, com modernização de sistemas e atuação destacada em setores como o dos Combustíveis e Lubrificantes e o de Bebidas. Também houve retirada de diversos produtos da Substituição Tributária e revisão de benefícios fiscais.

A RT cresceu 20,4% em 2021, bem acima do crescimento de 1,9% de 2020.

Fonte: SEF-SC/DCOG –Sigef

4. RECEITA LÍQUIDA DISPONÍVEL (RLD)



Fonte: SEF-SC/DCOG – Sigef

(1) A RLD é a diferença entre as receitas correntes deduzidos os recursos vinculados provenientes de taxas que, por legislação específica, devem ser alocadas a determinados órgãos ou entidades, de receitas patrimoniais, indenizações e restituições do Tesouro do Estado, de transferências voluntárias ou doações recebidas, da compensação previdenciária entre o regime geral e o regime próprio dos servidores, da cota-parte do Salário-Educação, da cota-parte da CIDE, da cota-parte da Compensação Financeira de Recursos Hídricos e dos recursos recebidos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB.

RLD RECUA 10,7% EM JUNHO

A RLD de junho retraiu 10,7% em relação a maio, atingindo R\$ 2,147 bilhões. Foi o segundo mês consecutivo de queda, depois de uma retração de 2,7% em maio. O valor arrecadado em junho foi, no entanto, 18,3% maior que o arrecadado no mesmo mês de 2021.

No ano, a RLD acumula alta de 30,4%, na comparação com o mesmo período do ano passado.

O crescimento na comparação de 12 meses, sob o mesmo período anterior, desacelerou pelo terceiro mês consecutivo e registrou um crescimento de 23,8%.

A RLD fechou 2021 com um crescimento de 21,2% e atingiu R\$ 22,3 bilhões.

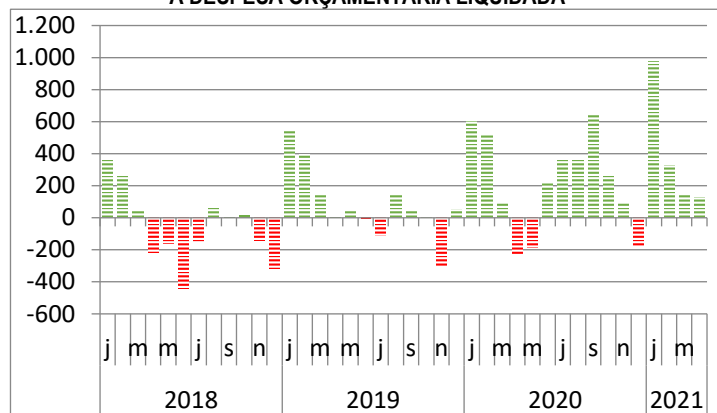
Vale ressaltar que esse crescimento se deu sob uma base baixa de comparação, já que em 2020 essa receita teve um crescimento nominal de apenas 1,6%. A inflação naquele ano foi 4,5%, enquanto em 2021, foi 10,06% e segue em alta em 2022.

A RLD está crescendo significativamente acima da inflação desde abril do ano passado.

5. OUTROS INDICADORES FISCAIS DE SANTA CATARINA

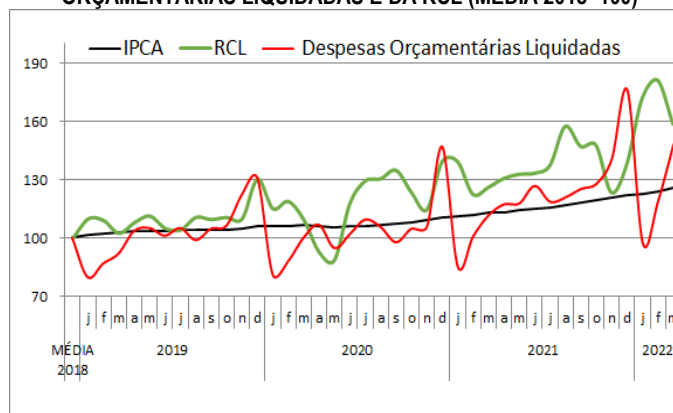
EVOLUÇÃO MENSAL (EM R\$ MILHÕES)

SUPERÁVIT/DÉFICIT ENTRE A RECEITA ORÇAMENTÁRIA ARRECADADA E A DESPESA ORÇAMENTÁRIA LIQUIDADADA

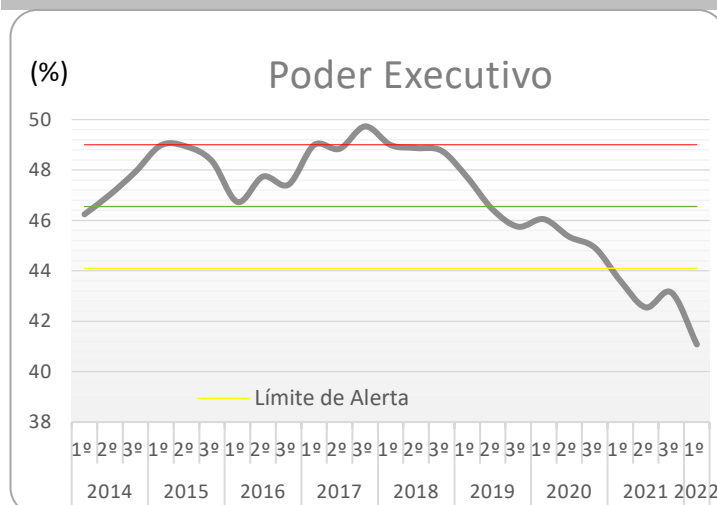


EVOLUÇÃO MENSAL DAS DESPESAS E DARCL

SÉRIE ENCADEADA DO VALOR CORRENTE DAS DESPESAS ORÇAMENTÁRIAS LIQUIDADAS E DA RCL (MÉDIA 2018=100)



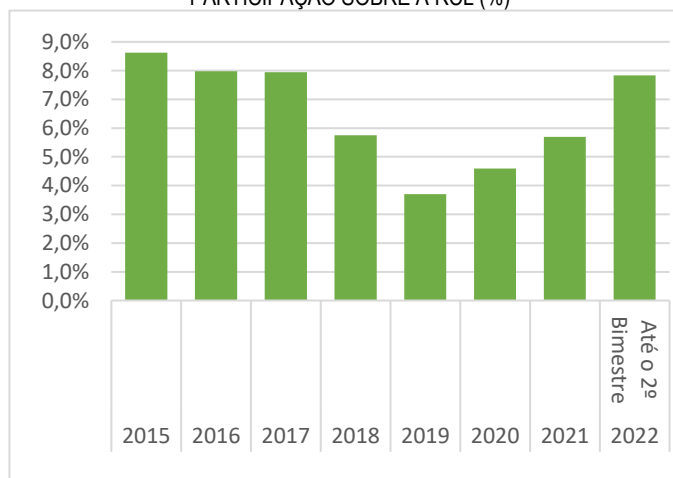
EVOLUÇÃO DA RELAÇÃO DESPESA COM PESSOAL / RCL



Fontes: SEF-DIOR; SEF-DICF/RREO

EVOLUÇÃO DOS INVESTIMENTOS

PARTICIPAÇÃO SOBRE A RCL (%)



RECEITAS X DESPESAS

A diferença entre a Receita Orçamentária Arrecadada e a Despesa Orçamentária Liquidada mostra déficits em 6 meses de 2018. Em 2019, apenas três foram deficitários. Entre 2018 e 2019, essa relação passou de um déficit de R\$ 671 milhões para um superávit de R\$ 941 milhões. Em 2020, o superávit foi R\$ 2,6 bilhões. Em 2021, até abril, o superávit era de R\$ 1,5 bilhões.

RCL X DESPESAS

A evolução mensal da Receita Corrente Líquida, das Despesas Orçamentárias Liquidadas e do IPCA, no período de 2019 a março de 2022, em relação as respectivas médias de 2018, demonstra uma tendência de crescimento da RCL acima da evolução das despesas.

DESPESAS COM PESSOAL

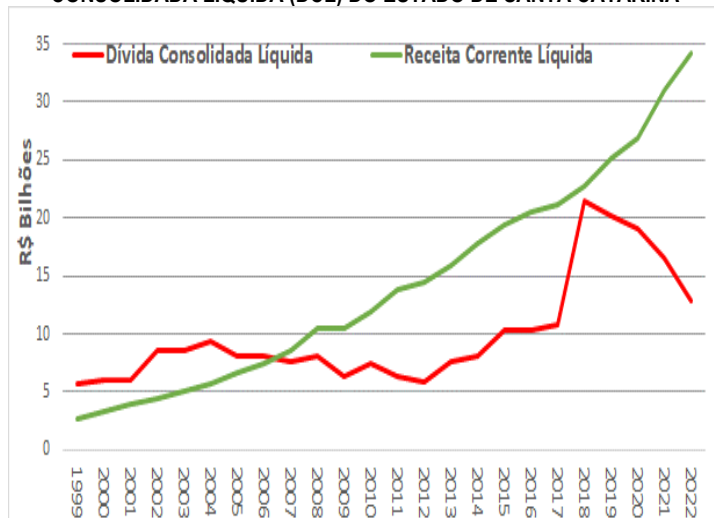
A LRF estabelece limite máximo de 49% da RCL para gastos com pessoal no Poder Executivo. Em SC a variável vinha evoluindo próximo a esse limite, apresentando ligeira queda em 2018 e outra mais acentuada ao longo de 2019 e 2020. Essa relação continuou caindo e fechou o terceiro quadrimestre de 2021 em 43,14%, sendo o primeiro ano que essa relação se posicionou abaixo do limite de alerta. E fechou o primeiro quadrimestre de 2022 em 41,1%.

INVESTIMENTOS

A capacidade de investimentos do Estado se recupera, inclusive com aporte crescente de recursos próprios do tesouro estadual. Em 2019 foram investidos R\$ 916,1 milhões, ou 3,7% da RCL do ano. Em 2020, os investimentos atingiram R\$ 1,2 bilhões ou 4,6% da RCL do ano. Em 2021, o valor investido foi R\$ 1,8 bilhões, 5,7% da RCL do ano. E até o 2º bimestre de 2022 foi investido R\$ 1,023 bilhões, 7,8% da RCL do ano.

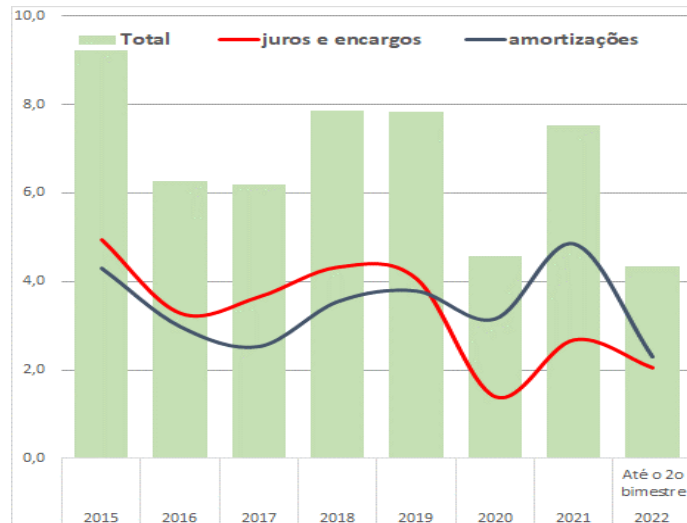
6. INDICADORES DA DÍVIDA E DO RESULTADO PRIMÁRIO DO ESTADO

EVOLUÇÃO DA RECEITA CORRENTE LÍQUIDA E DA DÍVIDA CONSOLIDADA LÍQUIDA (DCL) DO ESTADO DE SANTA CATARINA



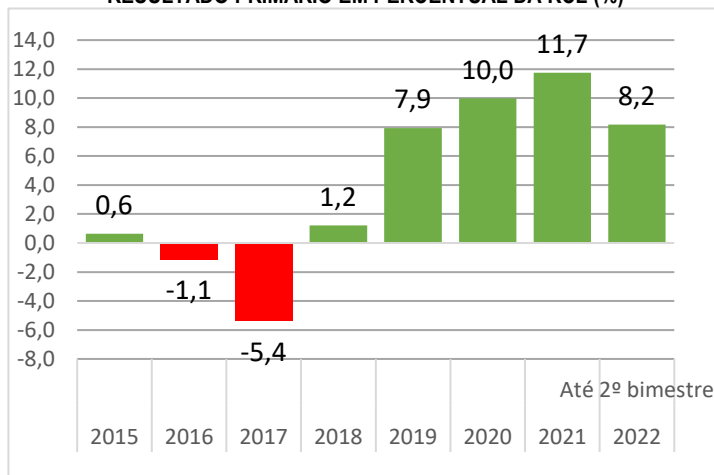
Fonte: SEF-DICF/RREO (até o 2º bimestre de 2022)

SERVIÇO DA DÍVIDA EM % DA RCL



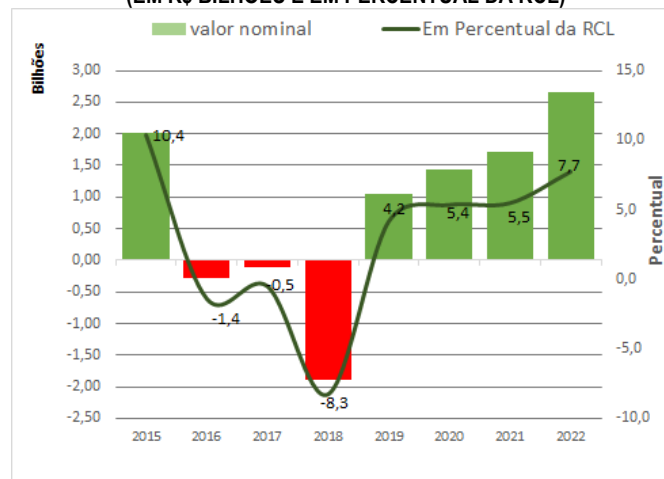
Fonte: SEF-DICF/RREO

RESULTADO PRIMÁRIO EM PERCENTUAL DA RCL (%)



Fonte: SEF-DICF/RREO

RESULTADO NOMINAL (EM R\$ BILHÕES E EM PERCENTUAL DA RCL)



RECEITA X DÍVIDA

Para verificar o limite máximo de endividamento, a Lei de Responsabilidade Fiscal observa a relação DCL/RCL. O limite de endividamento definido para os estados é de 200% da Receita Corrente Líquida (RCL). Em SC, em 2019, essa relação era de 80,3% e em 2020 caiu para 70,8%. Essa tendência seguiu em 2021, quando a DCL recuou para R\$ 16,5 bilhões, ou 53% da RCL. No segundo bimestre de 2022, a DCL caiu para R\$ 12,9 bilhões, representando 38% da RCL.

SERVIÇO DA DÍVIDA

O gráfico apresenta a evolução do serviço da dívida estadual (juros e encargos + amortizações) em proporção da RCL. Em 2019, 7,8% da RCL do Estado foi alocada no serviço da dívida e em 2020 essa proporção caiu para 4,6%. Em 2021, o serviço da dívida somou R\$ 2,3 bilhões ou 7,5% da RCL. Em 2022, até o 2º bimestre, o serviço somou R\$ 568,8 milhões.

RESULTADO PRIMÁRIO

O resultado primário é definido pela diferença entre receitas e despesas do governo, excluindo-se as receitas e despesas com juros. Em 2019, SC teve um superávit primário de R\$ 1,9 bilhões ou 7,9% da RCL. Em 2020, o superávit foi R\$ 2,680 bilhões ou 10% da RCL. Em 2021, o resultado correspondeu a 11,7% da RCL ou R\$ 3,645 bilhões, acima da meta fiscal da LDO para o exercício fixada em R\$ 1,353 bilhões. E até o 2º bimestre de 2022 o superávit foi R\$ 2,8 bilhões.

RESULTADO NOMINAL

É a diferença entre o fluxo agregado de receitas totais (inclusive de aplicações financeiras) e de despesas totais (inclusive com juros). Entre 2016 e 2018, SC teve resultado deficitário. Em 2019, atingiu um superávit de 4,2% da RCL, equivalente a R\$ 1,043 bilhões. Em 2020, o superávit subiu para R\$ 1,440 bilhões, 5,4% da RCL e em 2021, avançou para R\$ 1,7 bilhões, 5,5% da RCL. E até o 2º bimestre de 2022 o superávit nominal foi R\$ 2,655 bilhões, 7,7% da RCL.

A economia catarinense vem obtendo um desempenho acima da média brasileira desde 2016. Teve um ano de crescimento alto em 2021 e agora passa por um período de acomodação.

Diante da desaceleração dos principais indicadores no primeiro trimestre e da base alta de comparação do ano passado, a estimativa de crescimento da economia estadual para os quatro trimestres terminados em março de 2022, em relação ao mesmo período anterior, apresentou alta de 6,4%, abaixo, portanto, dos 8,3% dos quatro trimestres encerrados em dezembro de 2021.

Nesse período, a agropecuária catarinense retraiu 0,3%, sendo que a pecuária cresceu 4% e a agricultura retraiu 4,3%.

A indústria de transformação cresceu 4,3%, mas três dos principais segmentos retraíram: fabricação de Produtos Alimentícios (-7,5%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-4,8%); e de produtos de borracha/material plástico (-1,3%). Todos os demais segmentos cresceram, mas a maioria está em desaceleração.

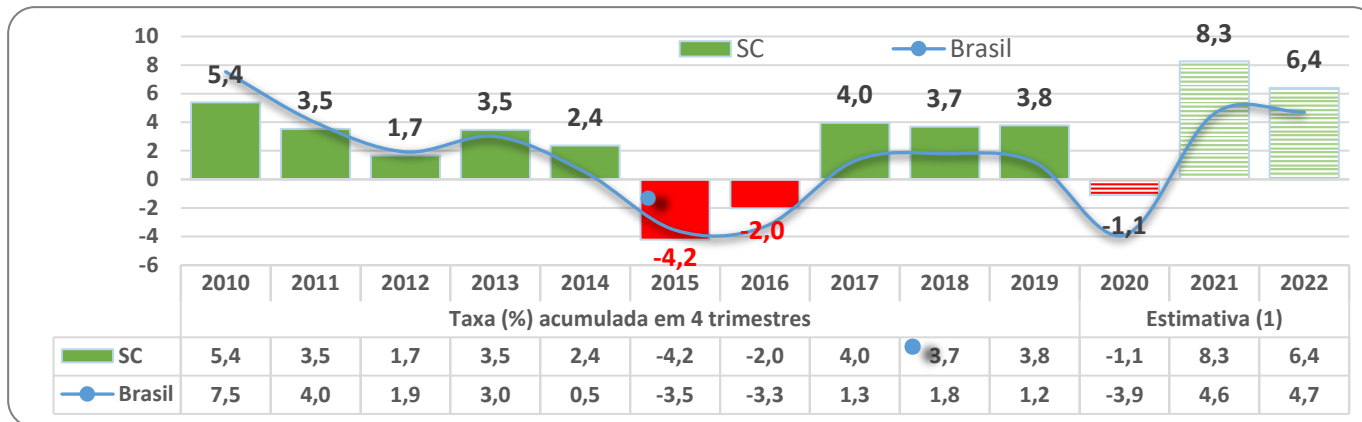
O setor dos serviços, de maior peso no PIB passa também a refletir os efeitos da desaceleração em curso da indústria e do comércio. No comparativo de 12 meses até março, o volume de serviços cresceu 7,6% em SC.

O desempenho da economia estadual superou com folga o crescimento da economia brasileira, de 4,7% no período.

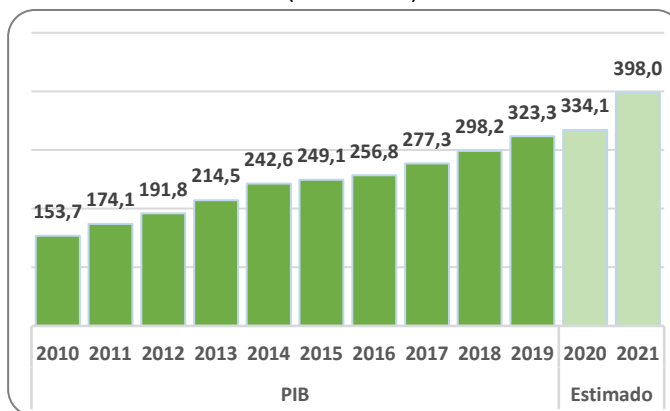
7. NÍVEL DA ATIVIDADE DA ECONOMIA CATARINENSE

7.1 PRODUTO INTERNO BRUTO E VALOR ADICIONADO BRUTO POR SETOR

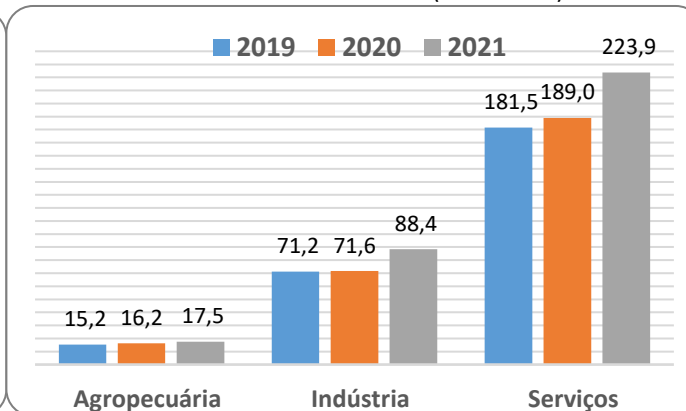
TAXA DE CRESCIMENTO REAL DO PIB (%)



PRODUTO INTERNO BRUTO (R\$ BILHÕES) - ANO BASE 2010



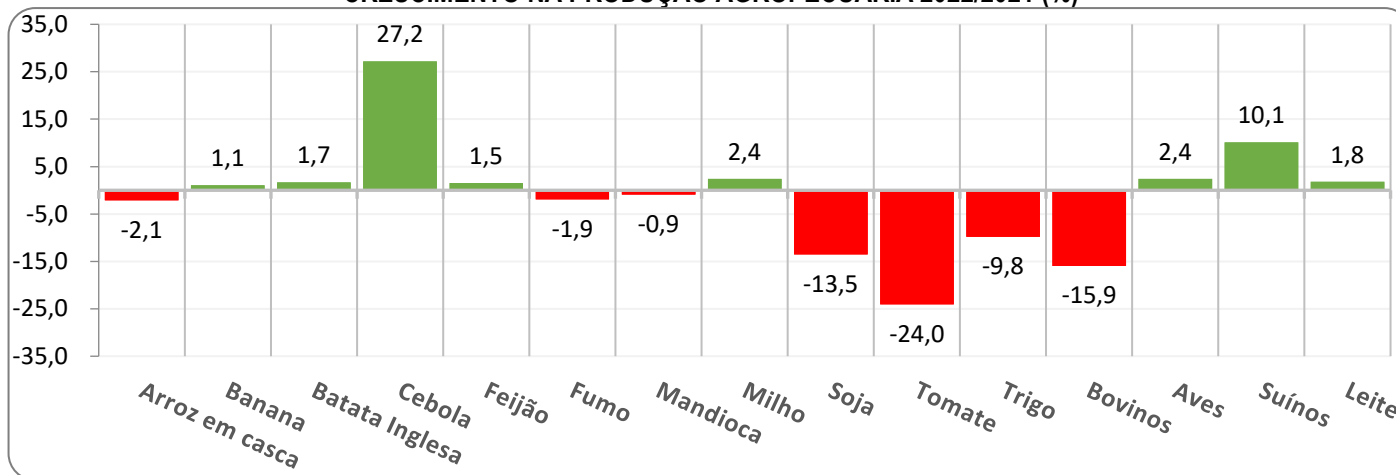
VALOR ADICIONADO POR SETOR (R\$ BILHÕES)



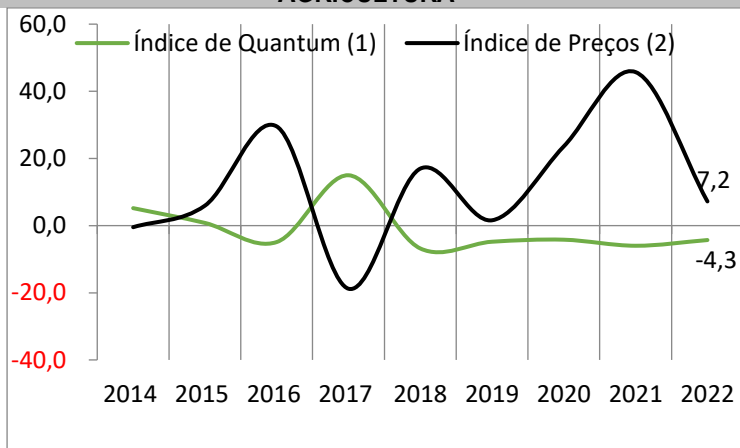
Fonte: PIB 2010-2019: IBGE e SDE/SC: Contas Nacionais e Contas Regionais; PIB Brasil 2020 a 2022: IBGE/ PIB Trimestral Nacional; PIB Estadual 2019 a 2022: SDE/SC/Diec/ (estimativa SDE do Índice da Atividade Econômica de Santa Catarina). O resultado de 2022 refere-se à variação acumulada de 12 meses até março de 2022 sob o mesmo período anterior.

7.2. PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA - PRODUÇÃO E PREÇOS DOS PRINCIPAIS PRODUTOS

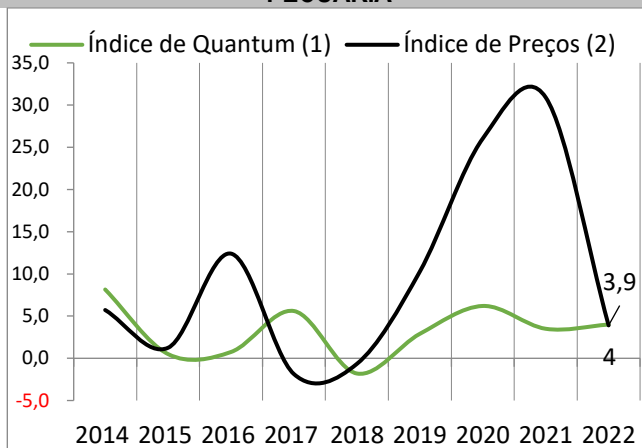
CRESCIMENTO NA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA 2022/2021 (%)



AGRICULTURA



PECUÁRIA



PREÇOS COMPENSAM RECUO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA

A agricultura catarinense teve mais uma safra de baixo desempenho e com perdas de produtividade em alguns dos seus principais cultivos. Problemas climáticos recorrentes com períodos de estiagens e eventos climáticos extremos têm dificultado o avanço da produção estadual. Em 2022, destaca-se a queda na produção de soja, trigo, arroz e tomate.

A produção pecuária continua crescendo. A demanda externa tem estimulado a produção, enquanto o mercado interno vem sofrendo o impacto do aumento dos preços das carnes. A produção de suínos cresceu 10,1% nos últimos 12 meses até março, relativos ao mesmo período anterior, enquanto a de aves, cresceu 2,4%. Os abates de bovinos recuaram 15,9%.

QUANTUM E PREÇOS

Entre 2021 e 2022, o Índice de quantum agrícola estadual retraiu 4,3%, sendo o quinto ano consecutivo de queda. Já o quantum da pecuária (até março) cresceu 4%, na comparação com 2021, registrando o quarto ano seguido de alta.

A elevação dos preços de grãos e das oleaginosas (a exceção do arroz e feijão) foram responsáveis por mais uma alta do índice de preços da agricultura, de 7,2%, na comparação com as médias de janeiro a março de 2022, com as respectivas médias de 2021. Na pecuária, com a continuidade da forte demanda externa, houve também elevação dos preços das carnes bovina, de aves e do leite. O índice dos preços da pecuária cresceu 3,9% no mesmo período. Foi o quarto ano consecutivo de alta.

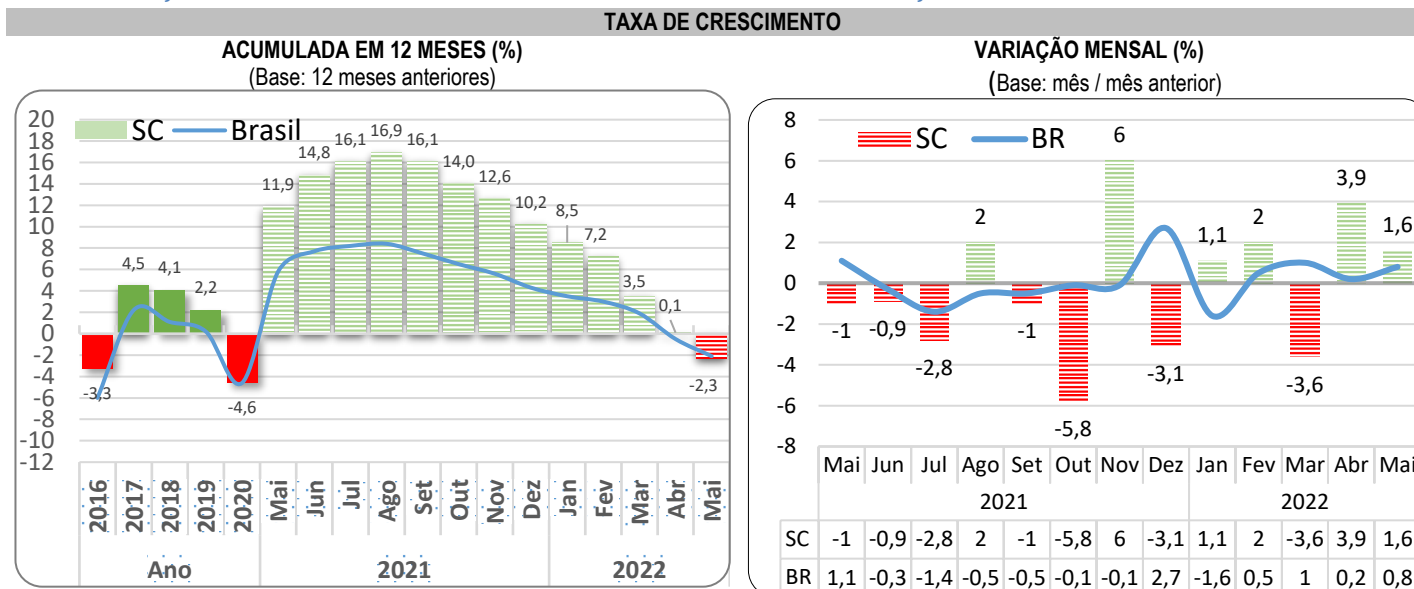
1) O índice de quantum tem como objetivo medir, em nível estadual, o desempenho físico da produção do setor.

(2) O índice de preços mede as mudanças relativas nos preços correntes dos produtos. Portanto, é um acompanhamento da variação média dos preços dos produtos.

Fonte: EPAGRI/Cepa (Acompanhamento de Safras e preços médios mensais recebidos pelos agricultores de SC; IBGE/PAM e LSPA de abril de 2022 e Pesquisa Trimestral do Leite (2021/2020) ; MAPA/SIPAS e DFA (a produção da pecuária se refere a variação dos quantitativos de abates entre 2021 e 2022: até março) e o índice de preços foi calculado sob as médias de preços de janeiro a março de 2022 em relação a 2021.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL SEGUE COM DIFICULDADES

7.3. PRODUÇÃO INDUSTRIAL FÍSICA - INDÚSTRIA DA TRANSFORMAÇÃO



A produção física industrial em SC cresceu 1,6% em maio, depois de avançar 3,9% no mês anterior. Com esse resultado, a retração no acumulado do ano diminuiu para -6,6%, enquanto em nível nacional está em -2,6%.

Na comparação com maio de 2021, a produção estadual teve a oitava queda consecutiva, de 0,1%. Sete dos doze segmentos tiveram retração, conforme gráfico abaixo.

Também em doze meses, pela primeira vez desde novembro de 2020, a indústria estadual teve desempenho inferior ao da média brasileira. Retraiu 2,3% em maio, enquanto a indústria de transformação brasileira retraiu 2,1%.

As maiores retrações no Estado ocorreram na produção de máquinas elétricas, de produtos têxteis e de borracha e plástico. Veículos e metalurgia tiveram os maiores crescimentos.

Os problemas enfrentados pela economia nacional e mundial continuam impactando a indústria estadual. O aperto monetário para fazer frente a inflação elevada encareceu o financiamento. Também os efeitos negativos da guerra na Ucrânia e os persistentes lockdowns na China, encareceram os preços de alimentos e insumos e causaram problemas adicionais a normalização das cadeias produtivas globais, ainda impactadas pela pandemia. Os estímulos ao consumo do governo federal e o desempenho recorde do comércio exterior estão se mostrando insuficientes para fazer frente a uma demanda doméstica impactada pela redução do poder de compra das famílias e pelas incertezas crescentes.

Em relação ao patamar pré-pandemia, a indústria do estado cresceu 4,9%, e a nacional, -1,1%.

INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO POR SUBSETOR

SUBSETOR	Variação (%) mensal - maio (Base: igual mês do ano anterior)	Variação (%) acum. de 12 meses (Base: igual período do ano anterior)
Indústria de Transformação - BR	1,6	-2,1
Indústria de Transformação - SC	-0,1	-2,3
Produtos alimentícios	15,1	-3,8
Produtos têxteis	-13,6	-10,5
Artigos do vestuário e acessórios	-0,2	3,4
Produtos de madeira	2,7	2,2
Celulose, papel e produtos de papel	-0,3	2,7
Produtos de borracha e de material plástico	-5,7	-8,9
Produtos de minerais não-metálicos	-10,6	-3,6
Metalurgia	-8,9	9,4
Produtos de metal, exceto máq. e equip.	12,1	-4,9
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-22,1	-14,6
Máquinas e equipamentos	15,8	-4,2
Veículos automotores, reboques e carrocerias	5,3	15,8

Fonte: IBGE/PIM

COMERCIO CONTINUA CRESCENDO, MAS DESACELERA

O volume de vendas do varejo ampliado de SC (ajustado) cresceu 1,3% em maio frente a abril, registrando o segundo crescimento consecutivo. Em março ficou estável e teve crescimento nos dois meses anteriores. Frente a maio de 2021, avançou 4,8%, enquanto na média nacional teve retração de 0,7%.

Nos últimos doze meses até maio, o volume de vendas do varejo ampliado avançou 5,6% no Estado, confirmando uma tendência de desaceleração iniciada em agosto passado, quando crescia a 11,6%. Em nível nacional, o comércio cresceu 0,3% nessa comparação.

Nesses últimos doze meses, em SC, o volume de vendas retraiu em quatro das dez atividades pesquisadas: *Móveis e Eletrodomésticos; Materiais de Construção, Vestuário e Calçados e Alimentos e Bebidas*. Este último vem encolhendo desde fevereiro de 2021. As vendas de materiais de construção desaceleraram rapidamente e registram retração desde abril. Entre os demais, o maior destaque foi o crescimento das vendas de Veículos e Motos, de 19,6%, mas em grande medida devido a base baixa de comparação, já que segmento enfrenta uma forte crise.

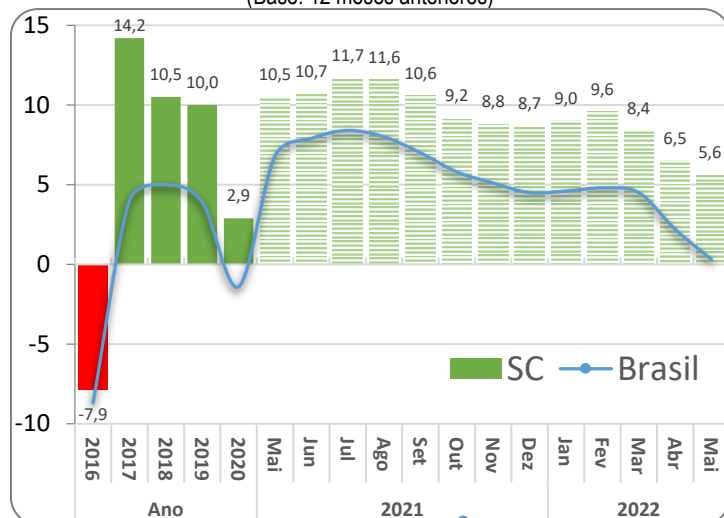
Apesar dos estímulos (de curto prazo) ao consumo anunciados pelo governo federal, o cenário econômico ainda se mostra desafiador. Com inflação (em especial alimentos, transportes e vestuário) e juros em patamares elevados (e com perspectiva de mais aperto monetário), queda da massa salarial e endividamento elevado das famílias, a tendência é de queda nas vendas, principalmente nos segmentos dependentes de crédito. Trata-se de mais um ano desafiador e de muitas incertezas.

7.4. VOLUME DE VENDAS DO COMÉRCIO VAREJISTA AMPLIADO

VOLUME DE VENDAS

TAXA DE CRESCIMENTO ACUMULADA EM 12 MESES (%)

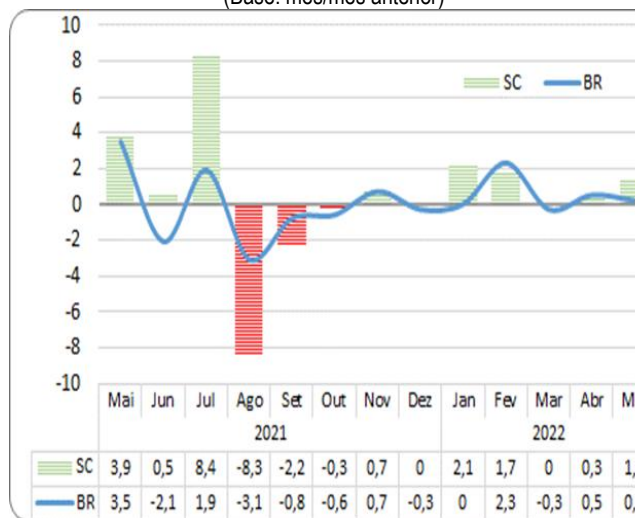
(Base: 12 meses anteriores)



Fonte: IBGE/PMC

VARIÇÃO MENSAL (%)

(Base: mês/mês anterior)

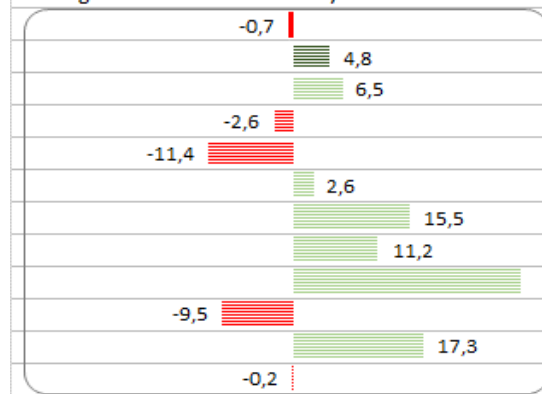


Fonte: IBGE/PMC

VOLUME DE VENDAS POR ATIVIDADE

Varição (%) mensal - MAIO

(Base: igual mês do ano anterior)

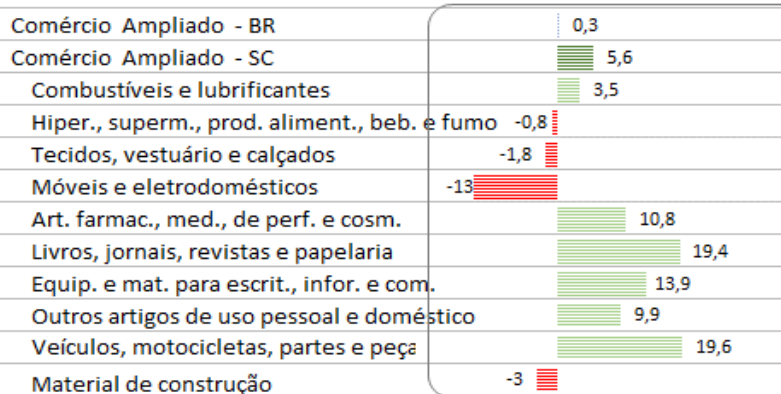


(Base:

ATIVIDADES

Varição (%) acum. De 12 meses

(Base: igual período anterior)



Fonte: IBGE:PMC

SERVIÇOS: CRESCIMENTO É ROBUSTO, MAS PERDE RITMO

Demanda reprimida e maior confiança do consumidor ainda impulsionam o setor. O volume de serviços cresceu 3,3% em maio, depois de retrair 2,6% em abril, em SC. Foi o quinto maior crescimento entre os estados. No País, o setor avançou 0,9% no mês.

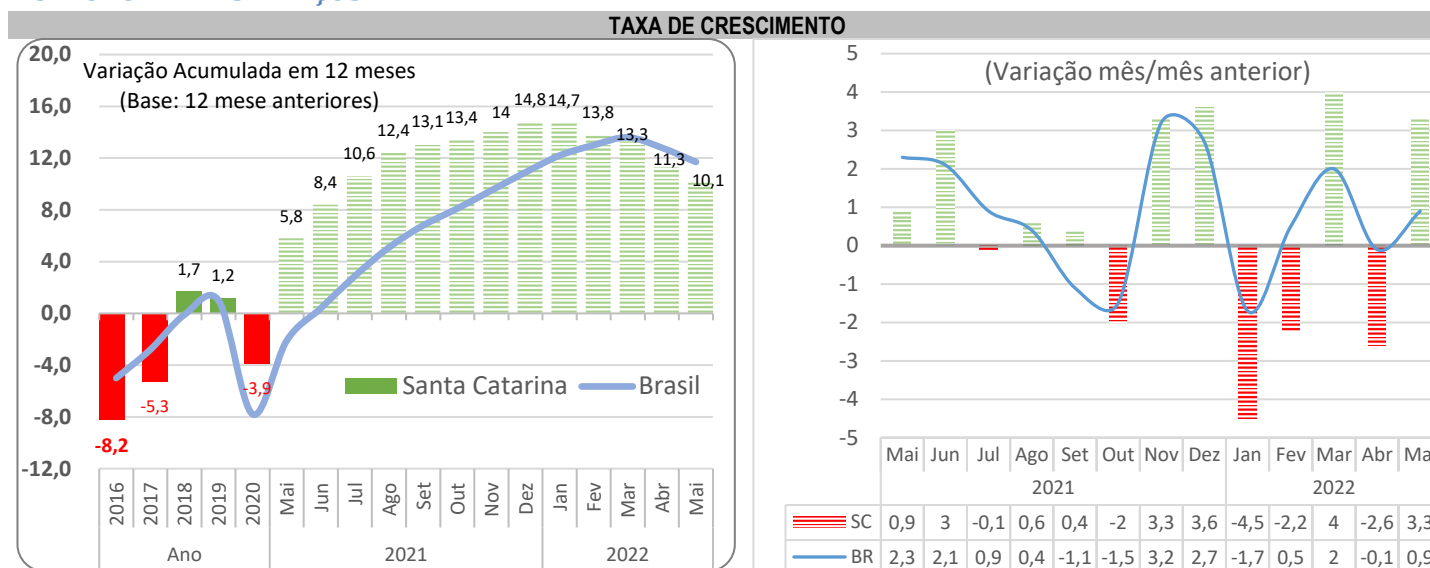
Quando comparado com maio de 2021, o volume de serviços avançou 7,8% no Estado e 9,2% no País. Das cinco atividades acompanhadas pela PMS do IBGE, os Serviços Profissionais retraíram 20,2%, sendo o oitavo mês consecutivo de retração nessa comparação. Todos os demais cresceram. Os Serviços Prestados às Famílias tiveram o maior crescimento de volume frente ao ano anterior, de 34,7%, resultado de uma base muito baixa de comparação.

No comparativo de 12 meses, o volume de serviços desacelerou para 10,1% em SC. Foi a quinta desaceleração consecutiva após nove meses de crescimento.

De forma geral, observa-se uma desaceleração, já que o setor teve crescimento robusto em 2021 e agora passa a refletir os efeitos da queda no poder de compra das famílias e a desaceleração da indústria e do comércio.

O volume dos serviços no estado encontra-se 15,8% acima do patamar pré pandemia, de fevereiro de 2020. Nacionalmente, encontra-se 8,4% acima desse patamar.

7.5. VOLUME DE SERVIÇOS



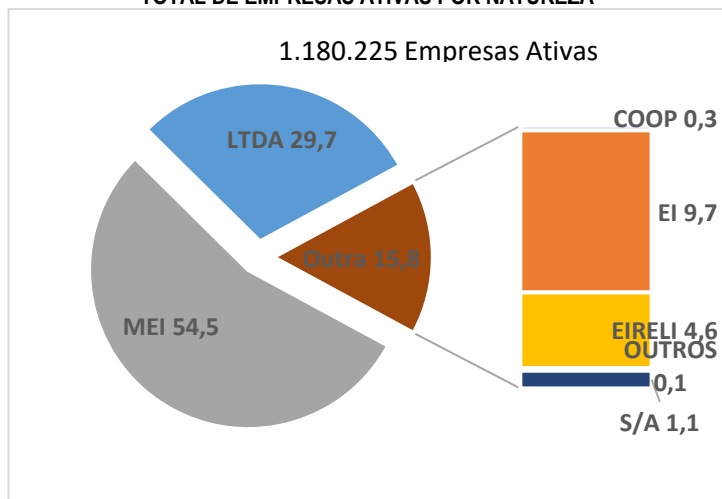
TAXA DE CRESCIMENTO DO VOLUME DE SERVIÇOS, SEGUNDO AS ATIVIDADES

Sector e Atividade (PMS- IBGE)	Var. (%) mensal - MAIO (Base: mesmo mês do ano anterior)	Var. (%) acum. de 12 meses até MAIO (Base: igual período do ano anterior)
Volume Total - BR	9,2	11,7
Volume Total - SC	7,8	10,1
Serviços prestados às famílias	34,7	28
Serviços de informação e comunicação	14,3	11,5
Serv. Profiss., administr. e complementares	-20,2	-9,2
Transportes, serv. auxil. aos transportes e correios	8	13,1
Outros serviços	20,1	13,5

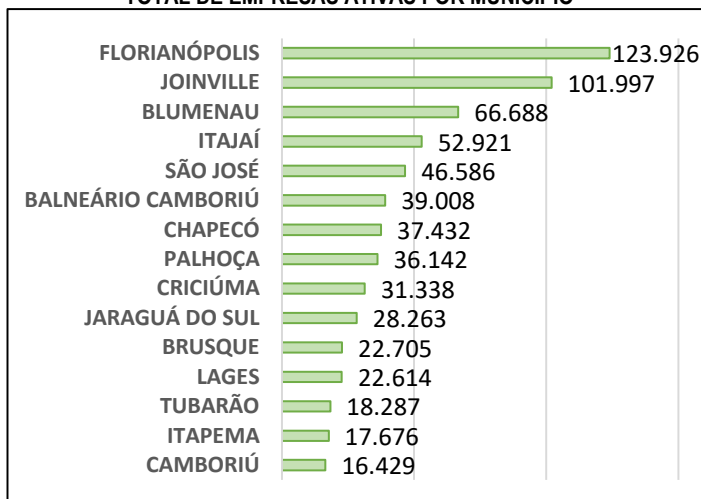
Fonte: IBGE/PMS

7.6. EMPRESAS ATIVAS, CONSTITUÍDAS E EXTINTAS EM SANTA CATARINA

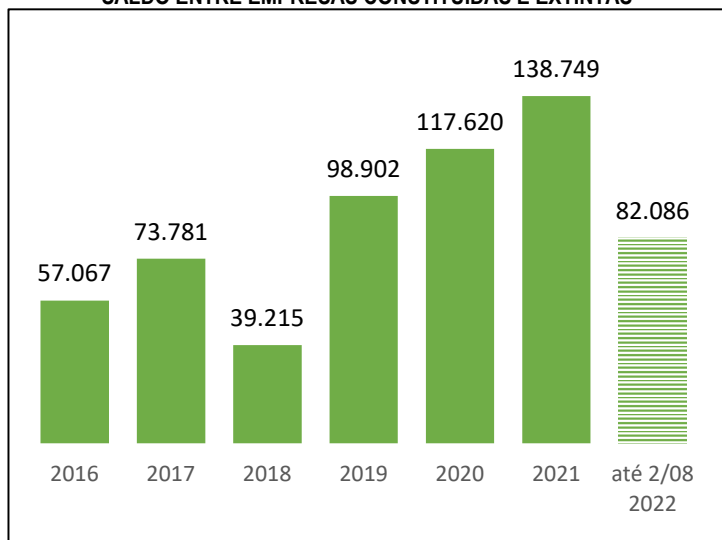
TOTAL DE EMPRESAS ATIVAS POR NATUREZA



TOTAL DE EMPRESAS ATIVAS POR MUNICÍPIO



SALDO ENTRE EMPRESAS CONSTITUÍDAS E EXTINTAS



Fonte: JUCESC

EMPRESAS CONSTITUÍDAS EM 2022 POR SETOR

Setor	Qtde
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	28.446
Indústrias de transformação	14.301
Construção	12.745
Transporte, armazenagem e correio	11.592
Atividades administrativas e serviços complementares	11.274
Atividades profissionais, científicas e técnicas	11.178
Outras atividades de serviços	9.782
Alojamento e Alimentação	9.474
Educação	5.853
Informação e comunicação	4.124
Saúde humana e serviços sociais	3.240
Serviços domésticos	2.778
Atividades imobiliárias	1.956

EMPRESAS ATIVAS

O número de empresas ativas em SC até o dia 2/8/2022 era de 1.180.225. Desse total, 54,5% referem-se a microempreendedores individuais (MEI), enquanto 4,6% são empresas individuais de responsabilidade limitada (EIRELI) e 9,7% são empreendedores individuais (EI). As empresas de sociedade limitada representam outros 29,7% do total.

DISTRIBUIÇÃO POR MUNICÍPIO

Florianópolis lidera o empreendedorismo em Santa Catarina. Do total de empresas ativas no Estado, 56,1% estão registradas nos quinze municípios destacados no gráfico.

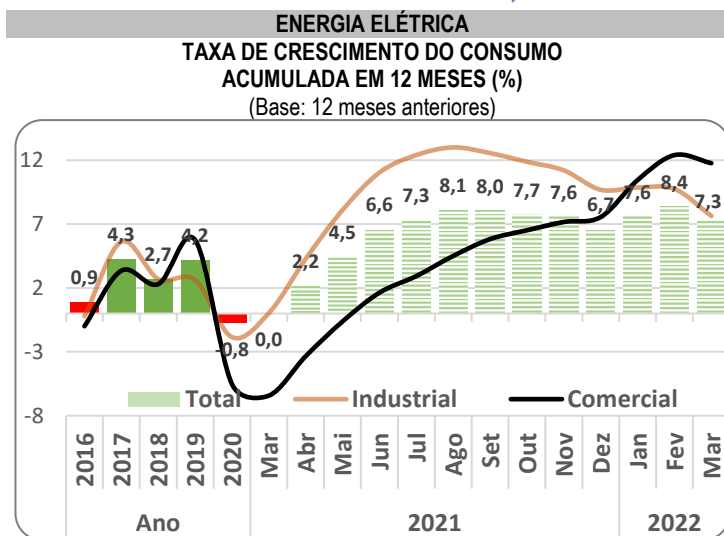
EMPRESAS CONSTITUÍDAS

O saldo entre empresas constituídas e extintas pela Junta Comercial de SC vem subindo a cada ano. Em 2020, o saldo superou 2019 que já havia sido o maior da série iniciada em 2013. E em 2021, o saldo registrou novo recorde atingindo 138,7 mil novas empresas. O saldo atípico de 2018 deve-se ao grande número de extinções por força de lei. Em 2022, até 2/8 o saldo estava em 82,1 mil.

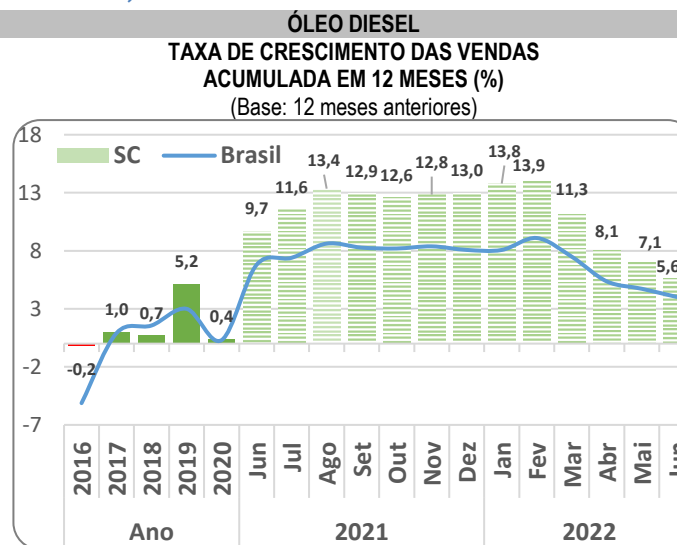
POR SETOR

Do total de empresas que foram constituídas em 2022, o setor do comércio liderou entre os demais. A indústria de transformação, a construção civil, os transportes e as atividades administrativas seguem como os empreendimentos mais atrativos.

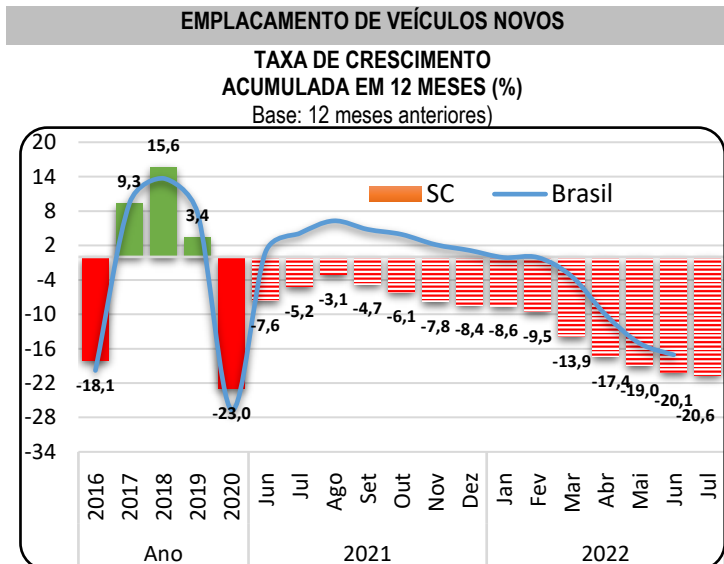
7.7 CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA, VENDAS DE ÓLEO DIESEL, VEÍCULOS NOVOS E CIMENTO



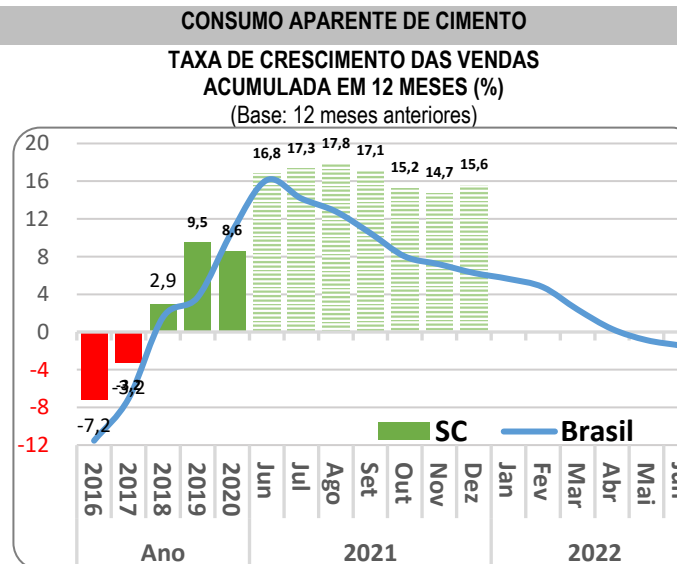
Fonte: CELESC



Fonte: ANP



Fonte: FENABRAVE/SC-ANFAVEA



Fonte: SNIC

ENERGIA ELÉTRICA

O consumo de energia elétrica distribuída pela Celesc cresceu 6,7% em 2021, após uma retração de 0,8% em 2020, devido ao impacto da pandemia na economia. Em 2022, na série anualizada, houve um ligeiro crescimento, influenciado pela indústria (+7,6%) e comércio (+11,8%). O residencial cresceu 4,4% no período. No mês de março, no entanto, observa-se uma tendência de baixa em todos os segmentos.

ÓLEO DIESEL

As vendas de óleo diesel entraram em ritmo de expansão desde março do ano passado. Em 2020 cresceram apenas 0,4% no Estado, mas fecharam 2021 com uma alta de 13%. No primeiro semestre de 2022, no entanto, com a explosão dos preços dos combustíveis e a desaceleração da economia, voltaram a recuar. Na comparação de doze meses desaceleraram para 5,6% no Estado, mas superam a média nacional, conforme apresentado ao lado.

VEÍCULOS

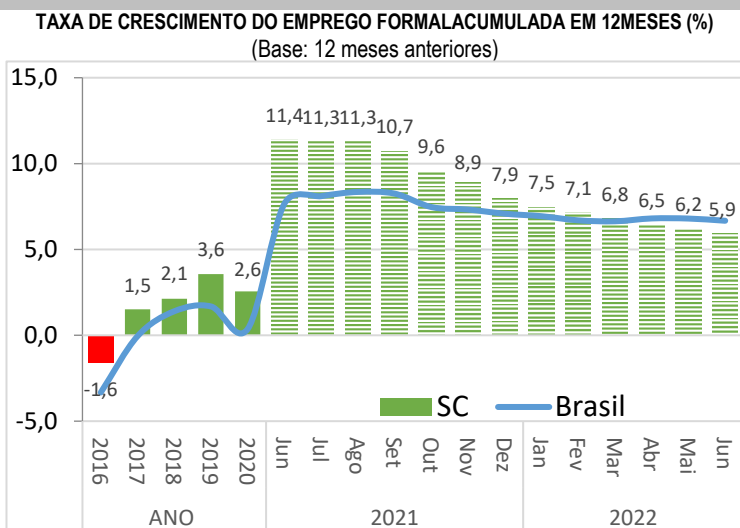
Segundo a Anfavea, aos poucos a produção de veículos vai se recuperando das restrições impostas pela crise de semicondutores. Ainda assim, os licenciamentos no mercado interno nacional retraíram 15% no semestre e 17,2% em SC. Mas há mais otimismo para o segundo semestre. Em SC, os licenciamentos cresceram 7,7% em julho, mas acumulam uma retração expressiva tanto no ano como em doze meses.

CIMENTO

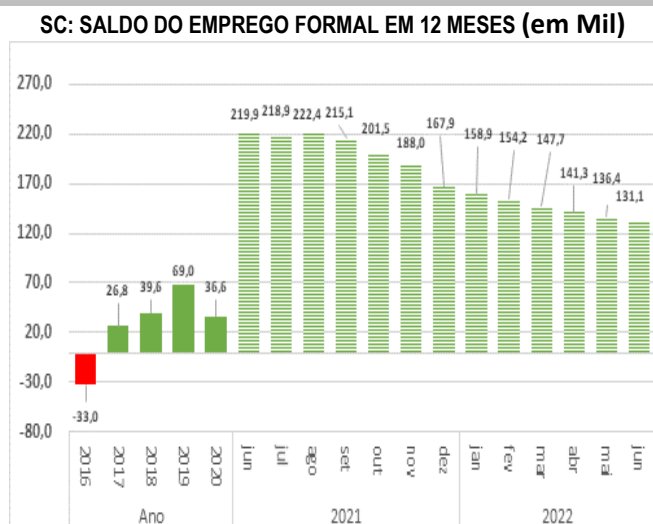
Segundo o SNIC, após um primeiro semestre difícil para a economia brasileira marcado por juros altos e em ascensão, inflação elevada e massa salarial em patamares ainda preocupantes, a indústria do cimento espera para os próximos meses um cenário econômico e político ainda mais turbulento e observa com preocupação o comportamento do consumo de cimento no país.

EMPREGO CRESCE EM JUNHO E SEMESTRE FECHA COM O SEGUNDO MAIOR SALDO DA SÉRIE

7.8. MERCADO DE TRABALHO



Fonte: MTE/CAGED/NOVO CAGED



Fonte: MTE/CAGED/NOVO CAGED

A economia catarinense abriu 9.676 novos postos formais de emprego em junho, superando os saldos registrados nos três meses anteriores. Ainda assim, o saldo de junho ficou abaixo dos 14.951 gerados no mesmo mês de 2021. Foi o nono maior volume de postos gerados do país no mês.

O setor de serviços segue na liderança das contratações no mês (+4.518), influenciado pelos segmentos de Informação e Comunicação (+1.378 postos); da Administração Pública: saúde e educação principalmente (+1.056) e de Transportes e armazenagem (+978).

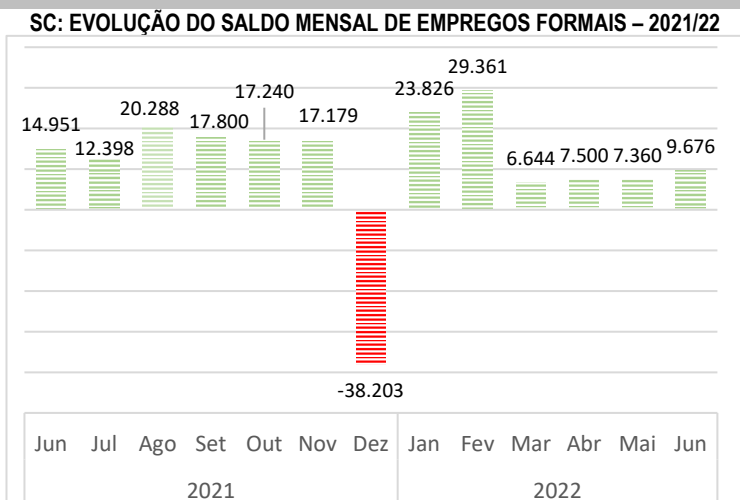
Já o comércio teve o melhor mês do ano com a abertura de 2.380 novos postos, influenciado pelo comércio varejista (+1.648). A construção civil também continua contratando e abriu 1.075 postos em junho.

A indústria de transformação abriu 1.397 postos, após gerar 1.217 empregos em maio. As maiores contratações foram na fabricação de artigos do vestuário (+427) e de veículos automotores (+188). A maior contratação foi na fabricação de produtos de madeira (-144).

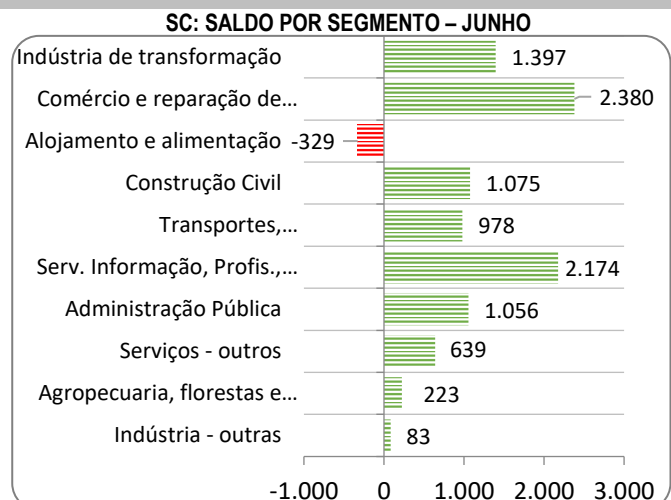
No acumulado do ano a economia estadual abriu 84.367 empregos formais, o quinto melhor resultado do País, superado por SP, MG, RJ e PR. Foi também o segundo melhor resultado da série histórica, superado apenas pelo mesmo período do ano passado. E em 12 meses, a economia estadual teve o sétimo maior volume de contratações, abrindo 131,1 mil novos postos a uma taxa de crescimento de 5,9%.

De modo geral, os números confirmam a desaceleração das contratações e da economia, ainda que se mantenham em patamares recordes e bem acima do período pré-pandemia.

O estoque de empregos formais em junho em SC estava em 2.350.004, montante 12,8% maior que o de fevereiro de 2020 (pré-pandemia).

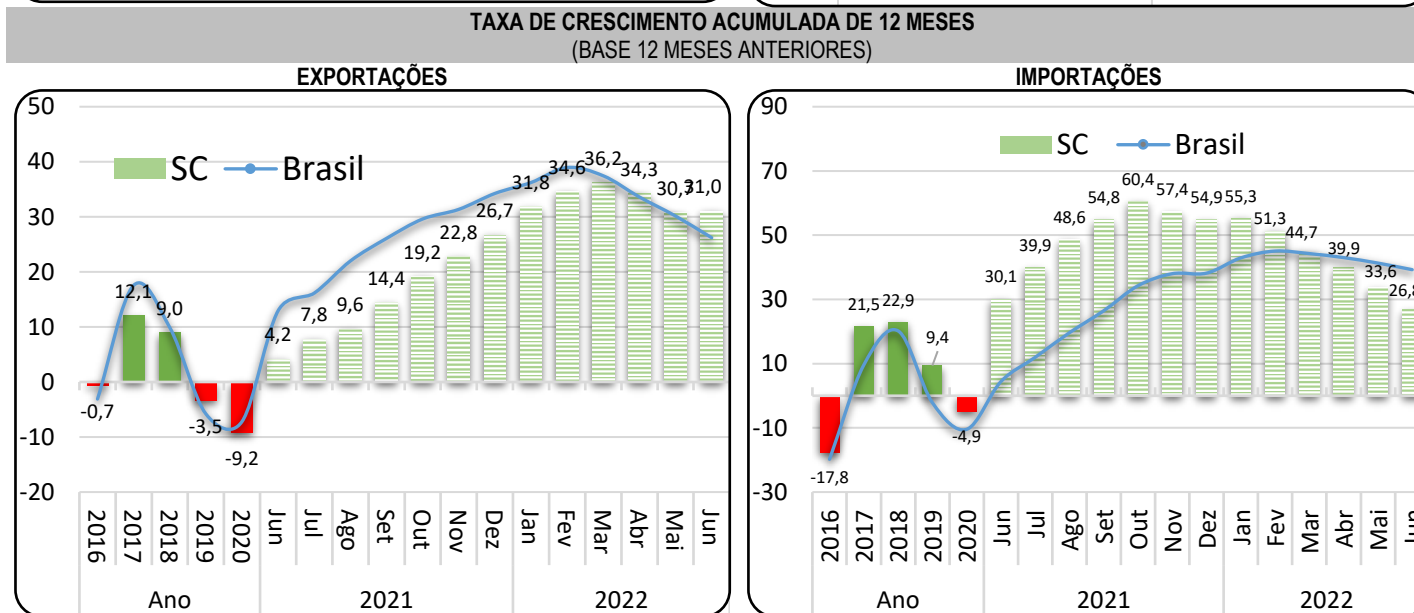
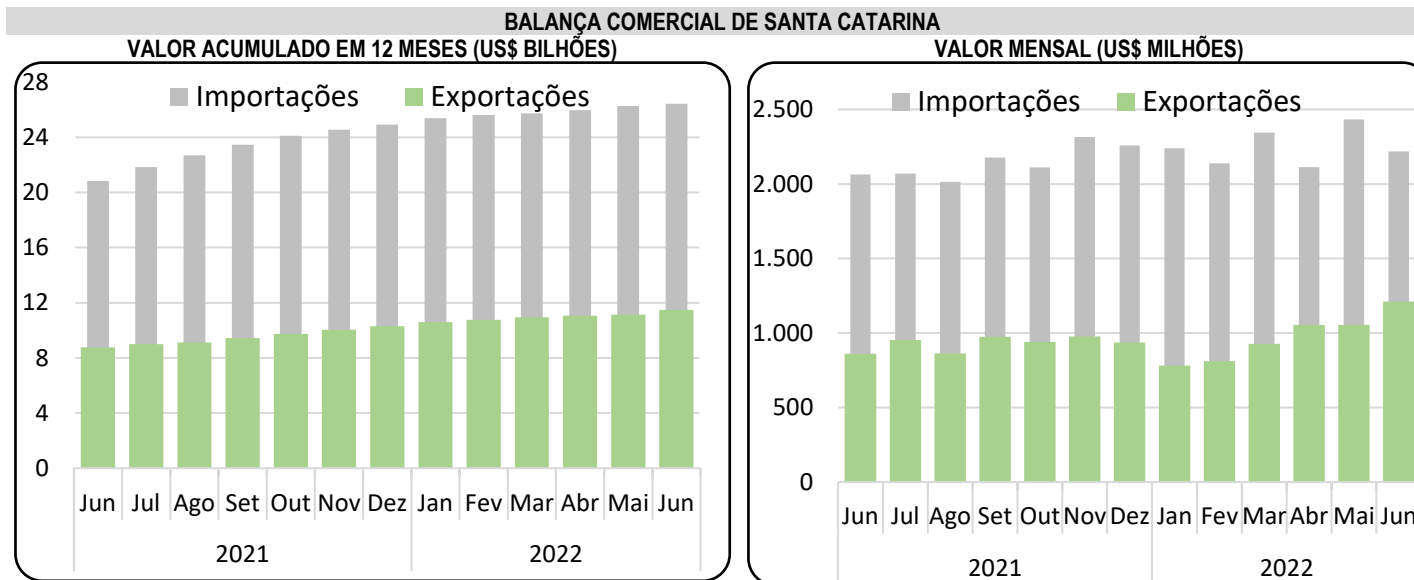


Fonte: MTE/NOVO CAGED



Fonte: MTE/NOVO CAGED

7.9. COMÉRCIO EXTERIOR



Fonte: MDIC

(Fonte: MDIC)

SEMESTRE DE RECORDES

Junho teve o terceiro recorde consecutivo das exportações estaduais, de US\$ 1,2 bilhão, ou 14,9% acima do mês anterior. Com isso, o primeiro semestre do ano fechou com embarques recordes que atingiram US\$ 5,8 bilhões, ou 25,5% acima do mesmo período de 2021.

Já as importações de junho tiveram queda de 8,8% frente a maio, mas assegurou um semestre de compras externas via portos catarinenses também recorde. No período cresceu 12,6% na comparação com o mesmo semestre de 2021.

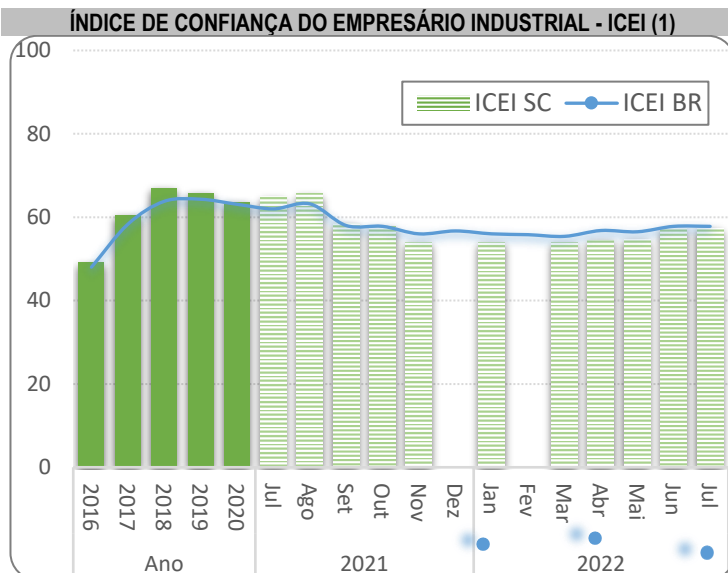
Já no acumulado de doze meses, observa-se tendência de desaceleração do crescimento, tanto das exportações como das importações, conforme gráficos ao lado abaixo.

Segundo a Fiesc, o desempenho reflete a retomada da corrente de comércio internacional bem como o aumento dos preços e a maior inserção global das empresas estaduais. Também houve expansão das vendas de produtos de maior valor agregado.

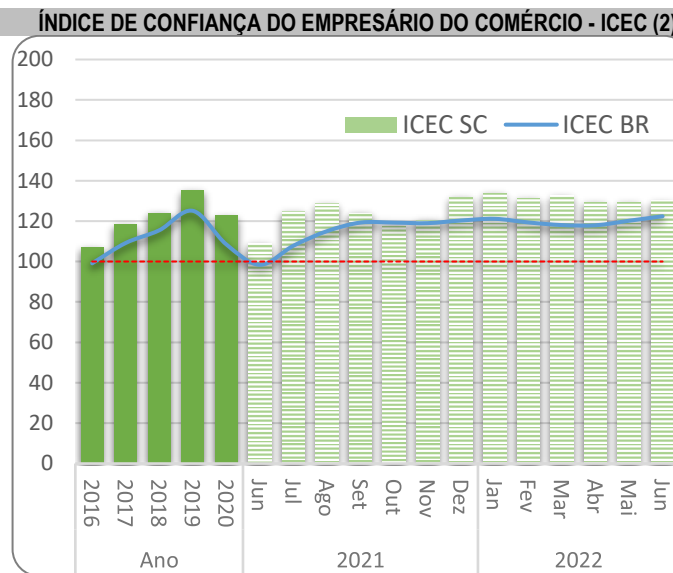
Os principais itens exportados no primeiro semestre foram os Cortes de Aves (+32% e 13,3% do total), seguido por Carnes Suínas Congeladas (-12,2% e 10,1% do total) e Soja (-13,2% e 5,8% do total). E ainda entre os dez principais itens, houve expressiva alta nas vendas de papel kraft (+204,8%), de motores de corrente alternada (+84,25%), de madeiras (+35%), de portas (+32,8%), de peças para motores (+28%) e de aves inteiras congeladas (+20%).

O principal destino no semestre foi EUA com alta de 31% (18% do total). Na sequência China com retração de 17,5% e 13,6% do total embarcado. Ainda entre os dez maiores destinos, os Emirados Árabes tiveram o maior crescimento (+58,8%), seguido por Argentina (+57%), Arábia Saudita (+43%) e Países Baixos (40%).

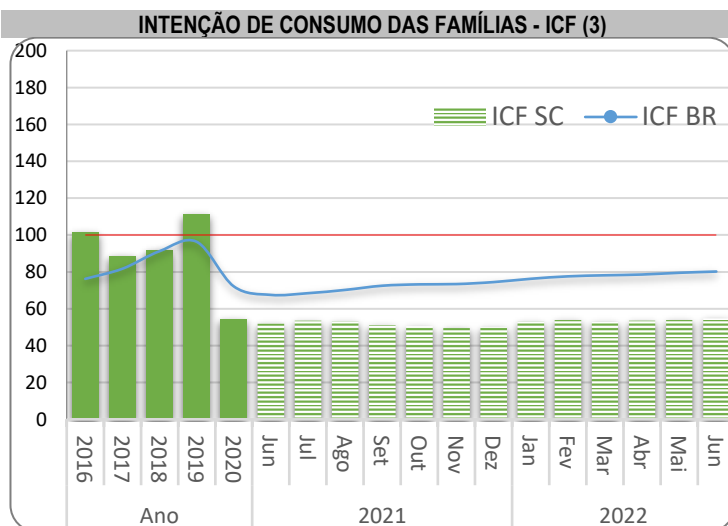
7.10. ÍNDICE DE CONFIANÇA



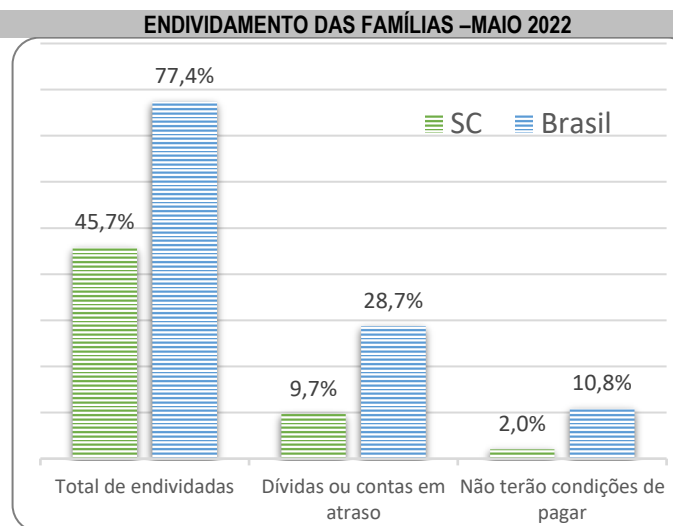
Fonte: FIESC e CNI



Fonte: Fecomércio SC e CNC



Fonte: Fecomércio e CNC



Fonte: Fecomércio e CNC

INDÚSTRIA: CONFIANÇA ESTÁVEL

Apesar da persistente trajetória de queda da produção industrial, a confiança do empresário manteve-se estável e em patamar otimista na passagem de junho para julho, tanto no estado como no Brasil. De toda a forma, em nível nacional houve queda da confiança em 18 dos 29 setores e em quatro das cinco regiões.

COMÉRCIO: CONFIANÇA CRESCE

O semestre encerrou com a confiança do empresário do comércio em patamar otimista e com leve tendência de elevação. Houve percepção de melhora tanto nas condições atuais com nas expectativas futuras, ainda que a perspectiva de investimentos e contratações se apresentem negativas. Com os 130,2 pontos atuais, o ICEC permanece 4,4% inferior ao patamar pré-pandemia (fev/20).

INTENÇÃO DE CONSUMO

A Intenção de Consumo das Famílias Catarinenses encerra o semestre em patamar bastante pessimista, ainda que esteja em recuperação pelo terceiro mês consecutivo. O ICF-SC ainda se encontra 51,1% abaixo de fevereiro de 2020 (pré-pandemia), sendo que a percepção do Nível de Consumo Atual teve a maior queda (-89,6%) seguido pelo Momento para Duráveis (-53%).

ENDIVIDAMENTO DAS FAMÍLIAS

Com as pressões da inflação e 36,3% da renda comprometida com dívidas, a proporção de catarinenses endividados cresceu pelo sexto mês consecutivo em maio e atingiu 45,7% das famílias. Mas o percentual dos que não terão mais condições de pagar suas dívidas caiu para 2% e é o menor patamar da série. Em nível nacional, o endividamento é recorde, mas se estabilizou.

EMPREGO: SC MANTÉM LIDERANÇA DE CRESCIMENTO NO SUL

Após liderar o crescimento do emprego formal em boa parte de 2021, o ritmo de geração de novas vagas pela economia catarinense passa por uma acomodação. Com alta de 5,9% nos últimos doze meses encerrados em junho, SC ocupa a décima terceira posição entre os maiores estados, e permanece com o maior crescimento do Sul. Na média do Brasil, o emprego formal avançou 6,67% no período.

INDÚSTRIA: DESEMPENHO ABAIXO DA MÉDIA

A indústria de transformação continua em desaceleração, tanto em SC como no País. Apesar do crescimento de 1,6% de maio no Estado, acima da média brasileira de 0,8%, o crescimento nos últimos doze meses vem perdendo fôlego e a indústria passou a ter um desempenho abaixo da média. Entre os 14 estados pesquisados retraiu 2,3%, enquanto a média nacional retraiu 2,1%.

COMÉRCIO: SC AVANÇA UM POSTO

O volume de vendas do varejo ampliado cresceu 1,3% em SC em maio e 0,2% no País. Ainda assim, a tendência é de desaceleração em ambas as comparações. Cresceu 5,6% nos 12 meses encerrados em maio, bem acima da média brasileira (0,3%). Com isso segue com o maior crescimento do Sul do País e avançou um posto entre os maiores estados, para a quarta posição no rank.

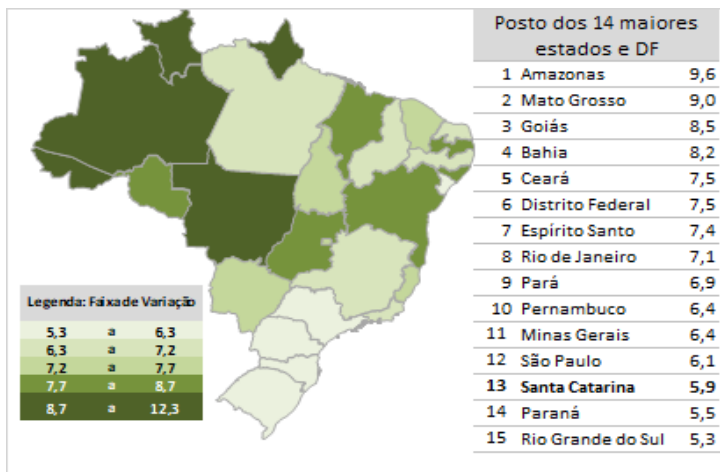
SERVIÇOS EM DESACELERAÇÃO

O setor de serviços foi o último a se recuperar da crise provocada pela pandemia e agora exibe um crescimento anual robusto, ainda que em acomodação. SC teve uma recuperação do setor anterior aos demais estados e fechou 2021 com a maior taxa de crescimento entre os maiores estados, mas em maio passado já se situava no nono posto. Cresceu 10,1% em doze meses, frente a uma média nacional de 11,7%.

7.11. DESEMPENHO DOS ESTADOS

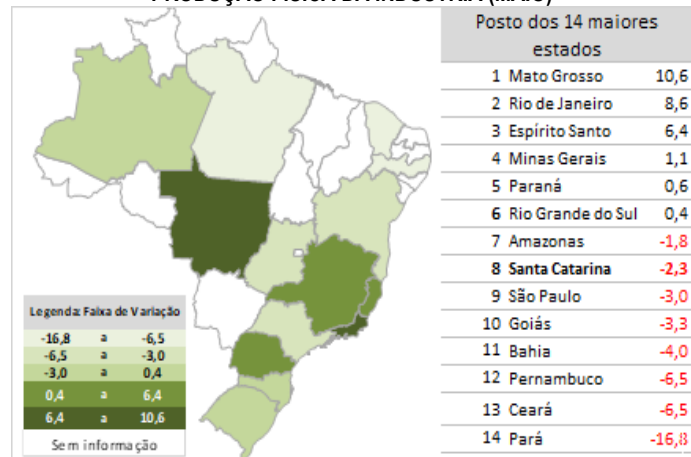
TAXA DE CRESCIMENTO ACUMULADA EM 12 MESES (%) (BASE: 12 MESES ANTERIORES)

EMPREGO FORMAL (JUNHO)



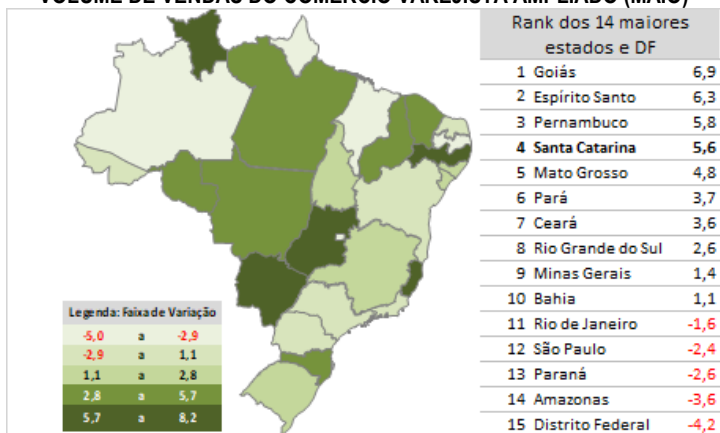
Fonte: NOVO CAGED

PRODUÇÃO FÍSICA DA INDÚSTRIA (MAIO)



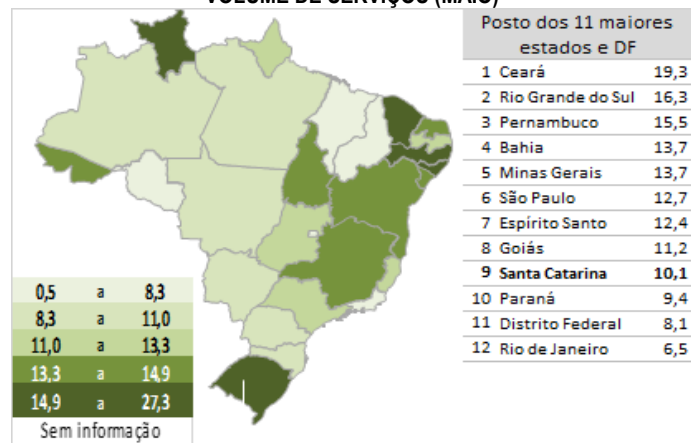
Fonte: IBGE/PIM

VOLUME DE VENDAS DO COMÉRCIO VAREJISTA AMPLIADO (MAIO)



Fonte: IBGE/PMC

VOLUME DE SERVIÇOS (MAIO)



Fonte: IBGE/PMS

INFLAÇÃO VOLTA A SUBIR

Após recuar em maio, a inflação voltou a subir em junho. O aumento dos preços continua refletindo os efeitos dos gargalos nas cadeias produtivas globais gerados pela pandemia; as restrições a produção e aos transportes de alimentos gerados pela Guerra na Ucrânia; os elevados custos de energia e também por questões sazonais.

A variação mensal do IPCA de junho, de 0,67%, foi maior que a de maio (0,47%) e também maior que os 0,53% de junho de 2021. A principal influência se deu no grupo Alimentação e Bebidas, especificamente sob a influência dos preços das refeições fora do domicílio, mas também de alimentos para consumo no domicílio. O aumento dos planos de saúde também pesou. Transportes teve desaceleração frente ao mês anterior, impactado pela queda no preço dos combustíveis.

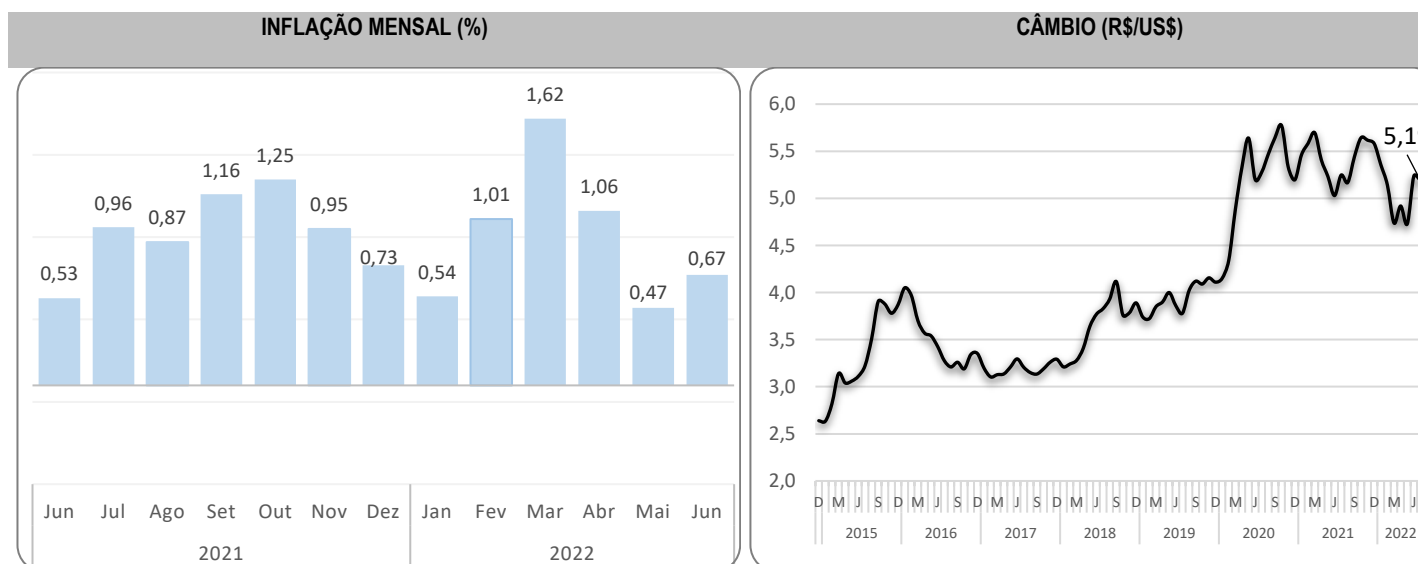
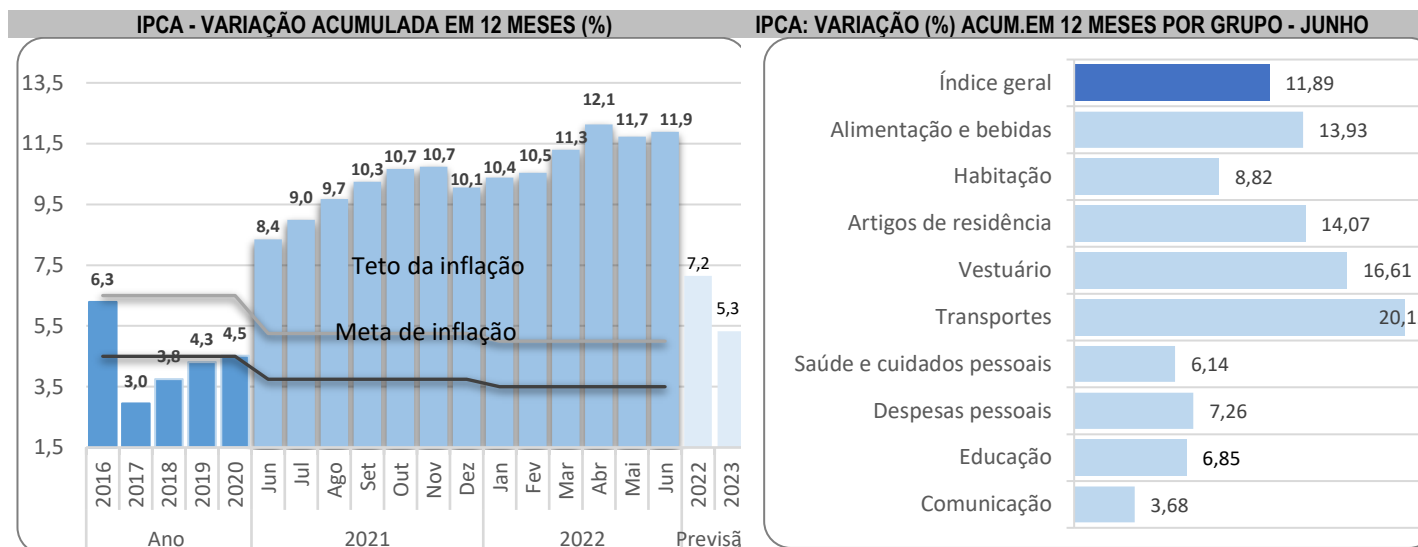
No ano, o IPCA acumula alta de 5,49% e em 12 meses acelerou para 11,89%.

Nos últimos 12 meses, o grupo Transporte, de maior peso no IPCA, teve a maior variação de preços (+20,12%), seguido por Vestuário e Artigos de Residência. O grupo de Alimentos e Bebidas com o segundo maior peso no índice (21,3%) teve alta de 13,93%.

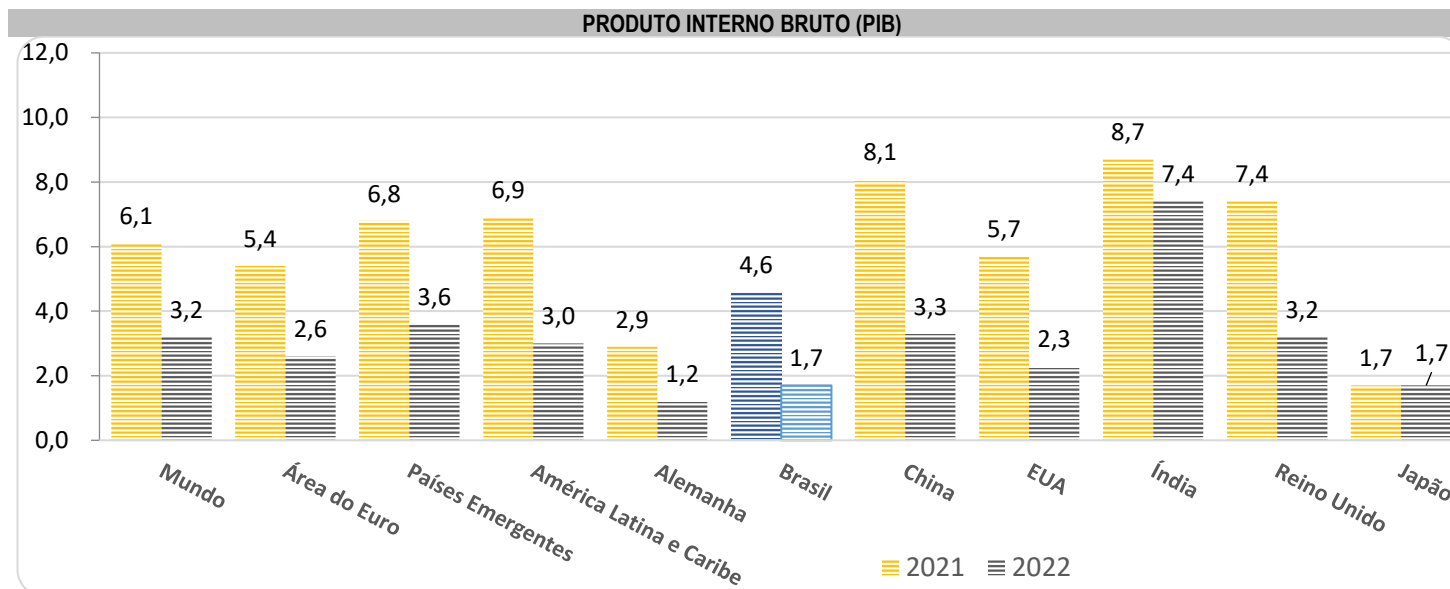
CÂMBIO

Depois da forte desvalorização de junho, o Real valorizou cerca de 1% em julho. Além das taxas de juros em níveis altos no Brasil, influenciaram a comunicação errática do Banco Central Americano e um menor pessimismo com a economia chinesa.

8. OUTROS INDICADORES ECONÔMICOS - INFLAÇÃO E TAXA DE CÂMBIO

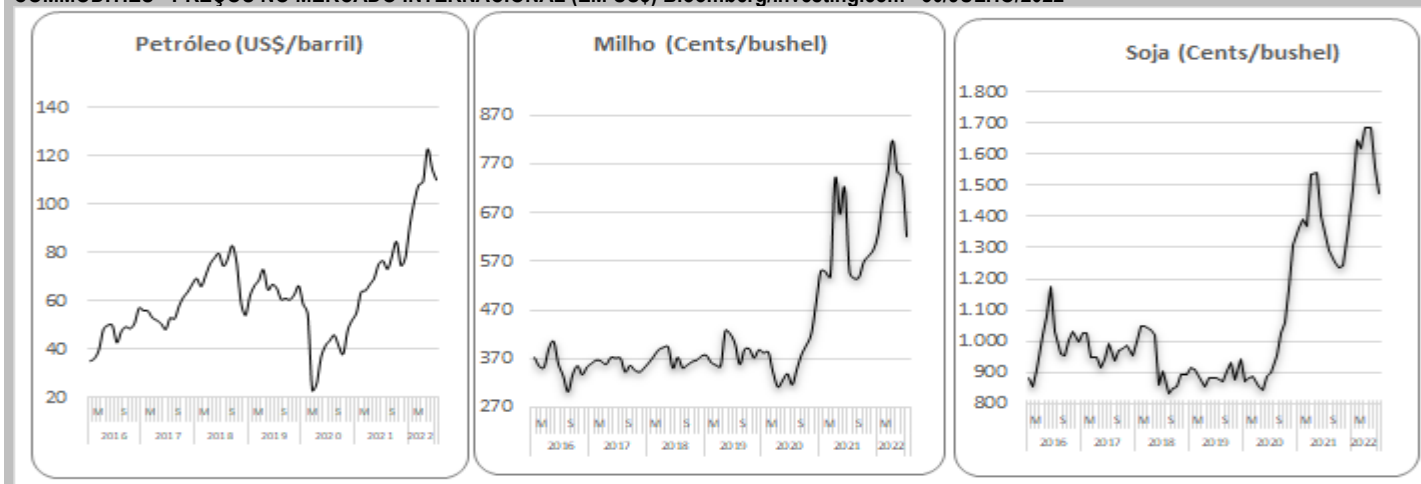


9. ECONOMIA INTERNACIONAL



Fonte: FMI - World Economic Outlook Database (Julho/2022)

COMMODITIES - PREÇOS NO MERCADO INTERNACIONAL (EM US\$) Bloomberg/Investing.com -30/JULHO/2022



O FMI, em seu informe das Perspectivas Econômicas Mundiais de Julho, enfatiza o panorama sombrio e incerto que o mundo enfrenta. Com a pandemia ainda em curso e os impactos mundiais da guerra na Ucrânia, destaca a inflação como grande fonte de preocupação, bem como as consequências da desaceleração econômica nos EUA, China e área do euro.

Diante desse cenário, revisou a previsão de crescimento da economia mundial em 2022 para 3,2%, depois de crescer 6,1% em 2021, 0,4 ponto percentual a menos que o previsto em abril. Para 2023, estima agora um crescimento de 2,9%, um recuo de 0,7 ponto percentual.

A inflação mundial foi revisada para cima, principalmente devido ao preço dos alimentos e energia, perspectiva que deve se prolongar, reflexo das pressões de custo ocasionado pela ruptura nas cadeias de suprimentos e pela escassez histórica de mão de obra.

Em meio a esses desafios, o relatório enfatiza a importância da cooperação multilateral, desde a transição climática, o enfrentamento de pandemias, a segurança alimentar até o superendividamento. Destaca que 60% dos países de baixa renda estão superendividados ou em alto risco, frente a 20% há uma década.

Uma recuperação mais robusta, no entanto, foi prevista para a América Latina e Caribe cujo crescimento para 2022 passou de 2,5% para 3%. Para o Brasil, a projeção passou de 0,8% para 1,7% no período.

COMMODITIES

Após a retomada econômica pós-pandemia que elevou os preços globais das commodities, agora as perspectivas de desaceleração, entre outros fatores, ocasionam efeito inverso. Em julho de 2022, o preço do petróleo recuou 4,2%, o milho, 16,5% e a soja, 5,3%.

